

O

AMANHÃ

FICARÁ

SEMPRE

LONGE

DEMAIS.

# *Primeira Parte*

## I

Tentem imaginar uma noite de tempestade, um temporal violento e assustador, daqueles que fazem até os mais bravos tremer de medo. Uma daquelas noites em que tudo o que queremos é estar em casa, aconchegados em quentes e agasalhadores lençóis da nossa cama. Lá fora, na rua, olhando pelas vidraças, tudo o que se veria e sentia, seriam a chuva violenta, o frio de rachar, o retumbar dos trovões... E o vento, terrível e assustador! O estranho uivo do vento, que baloiça até quebrar as copas das árvores.

Imaginem agora que não se encontravam em casa, mas sim num parque, num jardim municipal, com toda a bátega de água a cair sobre vocês. Que tentam, desajeitadamente, correr, sair daquele perigoso local e, concretizar o incontrolável desejo de chegar a casa sã e salva.

Mas, para culminar este horrífico cenário, imaginem então que, proveniente de algures da escuridão, ouvem um grito. Talvez um piar de coruja? Decerto que não. O estranho uivo de um cachorro abandonado? Não. Nenhum animal poderia, de maneira nenhuma, dar tão atemorizador grito. Era um brado humano, um clamor; alguém, talvez aterrorizado ou surpreso, gritava. De medo, de terror, de espanto... Como saber?

Resta-vos apenas imaginar que, era eu quem se encontrava nesse parque, sozinha, nessa noite chuvosa, ouvindo um grito que a mim, se assemelhava a algo vindo do outro mundo, irreal.

Tinha então duas alternativas. Poderia tentar socorrer tal voz, que poderia estar a necessitar de uma grande ajuda, ou continuar, atravessar o parque deserto, mesmo sabendo que poderia lá se encontrar algum demoníaco perseguidor...

Confesso agora que fui covarde e extremamente egoísta, visto que apenas me preocupei com a minha segurança, resolvendo não interferir, nem sequer envolver-me em apuros dos quais poderia não sair. Continuei assim a minha caminhada, sempre com aquele estranho grito a ecoar no meu pensamento. Não conseguia, ainda hoje não consigo, deixar de ter um peso na consciência, pois penso que poderia ter tomado qualquer outra atitude.

Quando, finalmente, saí do parque, a chuva tinha já abrandado, pude então, reunir as últimas forças que me restavam, para correr de regresso a casa. Aí cheguei, pouco depois, esbaforida, como se à muito tempo não praticasse qualquer desporto.

✠

Deitei-me no sofá; e tinha pegado no telefone, quando me ocorreu telefonar para a esquadra local, para participar o ocorrido.

“- Está? Polícia? Poderia participar um incidente?”

- (...)

- Prefiro não me identificar por enquanto. Tudo o que posso lhe dizer agora, é que, à pouco, ao andar no parque quando vinha para casa, ouvi um estranho grito. Não sei o que aconteceu, mas talvez seja melhor verificarem.

- (...)

- Não, já disse, não precisam saber. Desculpe, mas estou ainda muito nervosa e preciso desligar.”

Desliguei o telefone, agora com uma maior sensação de alívio – era menos um problema para me preocupar. E o que dissera fora verdade: uma bizarra sensação de nervosismo invadia-me, de tal modo que, tudo o que sonhara à pouco, para quando chegasse a casa, assustava-me ainda mais. Não conseguia, apesar de todos os confortos, retirar aquele funesto grito da cabeça.

Cheguei-me à janela, arredei a cortina e, aí fiquei, observando o temporal, que tinha recomeçado ainda mais violentamente. Subitamente, enquanto ouvia os ruídos que os galhos

de árvore faziam contra a vidraça da janela, cai, sobre o velho freixo que habitava desde tempos remotos a esquina da minha rua, um raio, cujo clarão medonho, me fez recuar, apavorada. Comecei a partir daí, a sentir um medo terrível de tudo o que me rodeava e tocava. As mais simples sombras, os mais comuns ruídos me sobressaltavam. Estava só, desprotegida, imaginava que a qualquer momento poderia surgir um criminoso recém fugido do presídio, que me tomava para refém. Tudo, devo confessar, produto da minha imaginação bastante fértil.

Tentara tudo para me manter calma, mas começava a compreender que isso se adivinhava muito difícil. Resolvi pedir ajuda, peguei no telefone, liguei para Júlia que, além de minha vizinha, é também a minha mais querida e fiel amiga.

- Olá ... Queria pedir-te um favor... Posso?

- (...)

- Sabes, quando vinha para casa, aconteceu uma coisa terrível e, mesmo agora que já passou tudo, acho que estou prestes a entrar em pânico. Não podias cá vir, imediatamente? – perguntei, ansiosa- Depois conto-te tudo quando chegares.

- (...)

- Apressa-te, sim? Acho que não vou aguentar muito mais.”

Desliguei e, acendi o televisor, esperando que estivesse a dar algum programa interessante. No entanto, em vão, pois em quase todos os canais passavam blocos de notícias dos enormes estragos provocados pelo temporal. Tentei a RTF, mas foi ainda pior. Passavam um desses filmes antigos, a preto e branco, em que as heroínas eram jovens frágeis e dóceis, sempre metidas em apuros. Só serviu para me assustar ainda mais, pois era um filme de terror, onde se via uma mulher, desesperada, que fugia, também numa noite chuvosa, com um assassino a persegui-la nas ruas de Nova Iorque. Filmes como este só me faziam sentir cada vez mais nervosa, prestes a quebrar o fino e delicado fio da completa sanidade mental.

“Só espero que a Júlia não demore.”, pensei. Ia desligar a televisão, mas mudei de ideias rapidamente. Fui à procura da cassete em que tinha os meus vídeos musicais preferidos e coloquei-a. Já mais relaxada, foi ao som do Michael Jackson que a campainha tocou finalmente.

“Vou já, Júlia! Espera um momento!” Abro a porta, quase totalmente descontraída, mas deparo, não com Júlia, mas sim dois perfeitos desconhecidos.

- Menina Sara Gonçalves?

- Sou eu. Quem são vocês e o que desejam?- perguntei, já a assustar-me novamente.

- Não se preocupe. Somos ambos detectives da esquadra local e, necessitamos que nos acompanhe até lá.

- Polícia? Posso saber o que pretendem de mim? Estou a ser presa, é isso?

- Sossegue, não é nada disso. Não estou autorizado a fornecer-lhe mais informações, apenas lhe posso garantir que terá de proceder a uma identificação. Prepare-se, no entanto, pois pode vir a ser muito doloroso para si.

- Identificação? -repeti- De quem?

- Não querendo ser mal educado, acha que, se soubéssemos, necessitaríamos da sua ajuda? Pelo que vi, vai precisar de muita firmeza e sangue frio para conseguir reconhecer o corpo.

Engoli em seco. Esperava tudo, menos aquilo. Reconhecer um corpo?

Não, não era possível. O mundo quase que desabou naquele momento. Alguém, que possivelmente eu conhecia, tinha falecido e, seria eu a identificá-lo!

- Vamos, despachemo-nos. Temos de lá chegar hoje.- fora a primeira vez que ouvira a voz deste polícia. Áspera e rouca, ao contrário da voz serena e harmoniosa do anterior. Nas lapelas de ambos, uma identificação com o nome. O que falara agora tinha um nome apropriado à sua fisionomia. Raimundo Aragão, alto, forte, autoritário, barbado, correspondia à imagem corrente que temos de um policial. Pelo contrário, o outro, mais simpático, nunca diria que fosse polícia. Sereno e cordial, também alto e de uma constituição atlética e autoritária, mas menos possante que a anterior, chamava-se Luís Ferreira. Foi o primeiro contacto que tive com

eles, tendo-me então, abstraído de tudo o mais, pois recusava-me a raciocinar correctamente. Fui assim acordada subitamente por aquela áspera voz- Tens a certeza que está a ouvir? Hei, acorde! Temos de ir imediatamente!

- Desculpe- respondi- Só um momento, vou buscar a gabardina. “

Sáímos, então, bastante apressados. Só tivera tempo para vestir a gabardina e fechar a porta. Já no automóvel, lembrei-me de Júlia e que tinha deixado a televisão ligada. “ Bem, não faz mal - pensei - Depois explico-lhe tudo. Ela vai entender . “ Foi então, nesse momento , que comecei a sentir-me um pouco tonta. Tudo o que me acontecera até aí tinha sido demasiado para as minhas ideias – tinha tido mais emoções numa noite que num ano inteiro. E de repente, tive uma estranha sensação, como um pressentimento, de que algo estaria errado.

## II

À bastante tempo que estávamos a andar e, as luzes da civilização pareciam ficar cada vez mais distantes. Embrenháramo-nos numa estrada secundária, rústica, ladeada de pinheiros e abetos por todos os lados. Estava bastante preocupada, pois não era aquele a rota que habitualmente tomava para a esquadra. Tínhamo-nos afastado de quaisquer casas e pessoas, sendo tudo o que via era a chuva a fustigar a vidraça da janela. No banco da frente, os polícias conversavam entre si e, novamente, aquela estranha sensação percorreu-me todo o corpo.

- Peço desculpa, mas está certo de não nos enganámos? – resolvi perguntar, ansiosa – Conheço o trajecto habitual, que receio não ser este. Além disso, afastámo-nos da civilização, completamente.

- Não se preocupe desnecessariamente – responderam-me cordialmente – Tem razão, mas não quero assustá-la. Tivemos que tomar um pequeno desvio, pois o itinerário principal está momentaneamente interrompido. Sabe como é, de cada vez que surge um temporal destes...

Recostei-me novamente no acento, tentando acreditar no que me dissera. Afinal, aquele simpático polícia não teria razão nenhuma para me mentir. Mas aquela ligeira suspeita não me largava e, começava a ficar realmente assustadiça, alarmando-me com o mínimo ruído ou carga de água mais forte. Preocupava-me o facto de, se era aquela a única estrada transitável para a brigada, não tivesse ainda passado por nós uma única viatura. Cada vez nos parecíamos dirigir para um local completamente mais deserto. Eu estava disposta a fazer um rol de perguntas a ambos, pois reinava na minha imaginação fértil, um turbilhão de ideias, cada uma mais díspar que a outra. A maior seria, talvez, que desde o início estivesse a ser enganada. Eles não seriam polícias, mas raptadores que, por uma razão desconhecida, me tinham sequestrado. Verdadeiramente, não lhes tinha pedido identificação formal, mas daí até ter sido raptada ia uma grande distância! No entanto, esta suspeita tomou uma dimensão real quando, súbita e abruptamente, o automóvel parara. Olhei em redor e não vi, nem casas, carros, pessoas, nem sequer um barracão que se pudesse assemelhar a esquadra de polícia. Tínhamos parado, sem uma justificação, algures, numa estrada apenas com árvores e mais árvores de ambos os lados. Um pouco atrás, um envelhecido e débil lampião, de onde provinha a única claridade daquele local, uma ténue e misteriosa luz amarelada, que cintilava constantemente.

Talvez tenha sido aí que me descontrolei, não me recordo muito bem. Lembro-me que perdi a cabeça e, gritei tão alto que os sobressaltei a ambos. Viraram-se para mim com um ar reprovador e intrigado. Assustada, atemorizada até, com tudo o que me sucedera naquela noite, sentia-me prestes a explodir. Desesperadamente, recomecei a protestar, perante o olhar atónito daqueles que se diziam protectores da sociedade.

- Quem são vocês? O que querem de mim? Porque será que me trouxeram para este fim de mundo? – e foi com um misto de ânsia, medo e fúria com que rematei – Vocês não são polícias, nunca o foram! Têm me enganado desde o início... – levei ambas as mãos ao rosto e, finalmente, consegui chorar – Não aguento mais! – Foi tudo o que consegui dizer, entre soluços, pois não conseguia, nem podia, fazer mais. Estava ainda à espera de uma explicação, tentando entender o que diziam, quando o tal Raimundo levantou a voz.

- David, vê se consegues acalmar a menina. Deves ter mais jeito que eu, que vou tentar ver o que podemos fazer ali à frente. – Ouvi um estalido na porta, acompanhado de alguns passos apressados. De olhos fechados, tentava, aos poucos, acalmar-me. Entretanto, sem que eu me apercebesse de algo, pairou no ar um cheirinho prazenteiro e familiar. Abri os olhos e encontrei na minha frente, uma xícara de café, bem quente, que o policial me oferecia. Sem uma palavra, aceitei sem hesitar, pois naquele momento, aquela chávena era uma benção.

- Está melhor?

- Sim, muito obrigado. – respondi e, acrescentei – peço desculpa pelo que disse à pouco. Não costumo me descontrolar desta maneira, mas na verdade, hoje foi tudo tão diferente, tão bizarro...

- Folgo em saber que se encontra bem. Eu sei que esta paragem súbita é, no mínimo, intrigante, mas tem uma explicação bastante razoável. Diga-me, ouviu hoje algum noticiário?

- Bem, quando liguei o televisor vi alguns intercalares de informação, que passavam notícias de alguns estragos causados pelo temporal. – respondi sinceramente.

- Precisamente, mas não deve ter prestado muita atenção. Se tivesse, saberia que a baixa perto da esquadra está toda alagada e, a estrada intransitável. Por isso, tivemos que nos desviar um pouco. Mas estamos com azar, como pode ver. – apontou em frente, para onde se encontrava o colega, agachado. Este tentava remover a causa daquela abrupta paragem, um tronco de árvore, bastante grande, que caíra sobre o caminho, impedindo-nos de prosseguir.

Chegou então Raimundo, que em voz baixa, disse:

- Impossível de retirar assim. Vamos precisar de reforços. – virando-se de seguida para mim, acrescentou – então, menina, já passou?

- Sim, sim, muito obrigado. Peço perdão pelo transtorno de à pouco. Mas agora, não podemos passar?

- Receio que não. Esteja descansada, resolvemos este problema num instante.

Abstrai-me então de tudo o resto. Tinha os nervos à flor da pele, mas via agora as coisas com outros olhos e sabia que não tinha mais com que me preocupar. Só precisava ter muita paciência e saber esperar. Gostaria de ter continuado a conversar com ambos, para me distrair, mas estavam demasiado ocupados a pedir reforços para me darem atenção.

▣

Recorri então a uma estratégia que aprendera nas aulas de terapia. O meu professor sempre dissera que, para afastar o nervosismo e o desespero, nada melhor que recorrer à memória, às lembranças do passado, mas de um passado feliz. “Lembrem-se sempre de uma imagem, de um determinado momento em que foram verdadeiramente felizes”, dissera. Eu segui este sábio conselho. Na minha mente, um turbilhão de imagens e ideias passava diante de meus olhos, como se de uma película fotográfica se tratasse. Lembrei-me de tudo o que fora importante na minha vida: o primeiro dia de aulas, as amizades, brincadeiras, Jorge, o meu primeiro namorado, a fase um pouco difícil da adolescência, até o dia da minha formatura. Lembrei-me do meu pai e dos seus olhos orgulhosos por ver a sua filha licenciada em Psicologia.

E uma imagem muito especial desse dia parou, diante dos meus olhos. Uma imagem, uma fotografia, a última repleta de felicidade com que tinha ficado da minha família. Parece mentira que eu, que fora sempre tão ligada à família, tenha agora com esta um contacto muito restrito. O meu pai falecera havia pouco mais de dois anos e desde então, afastei-me imenso de toda a família. Algum tempo depois da morte de meu pai, a minha mãe casara novamente, desta feita com um estofador de cadeiras, medíocre e falhado. Reconheço que nunca perdoei à minha mãe esta ligação tão repentina e, ainda hoje, sento uma grande tristeza ao pensar nisso.

Fora esta fotografia, que agora se apresentava claramente, a última fotografia que a minha família tirara, toda reunida. Todos felizes, não só por eu ter acabado o curso, mas também porque o meu irmão tinha realizado o sonho do meu pai e tinha sido aceite na Marinha. Nesse Verão eu tinha tudo para estar feliz: tinha acabado o curso, com distinção, arranjava emprego ainda antes de o acabar e, aqueles seriam os últimos dias que passaria em casa. Iria mudar-me, para um pequeno mas confortável apartamento na cidade, bastante

mais perto do meu futuro local de trabalho, ainda como estagiária. Apesar de uma ótima relação com os meus pais, chegara a altura de ser independente e viver à minha custa. Iria mudar-me dentro de quinze dias, já com o apartamento completamente decorado.

Só que esse Verão fora, pelo contrário, verdadeiramente trágico, quer para mim, como para toda a minha família. Cerca de um mês após me ter mudado, iria ver a minha família pela primeira vez, quando, no caminho, o meu pai, a minha mãe e o meu irmão tiveram um aparatoso acidente, do qual resultou a morte do meu pai. Ainda que feridos, minha mãe e Carlos, o meu irmão,

sobreviveram, mas a minha mágoa não ficara por aqui. Sempre que me lembro que ele morreu porque eu saíra de casa, não consigo deixar de sentir remorsos. Ainda que deveria dar graças a Deus por só ele ter falecido, não consigo deixar de pensar porquê ele. Porque não o outro, que ao transgredir as regras causara a morte de um inocente? Porquê o meu pai? Sempre me senti revoltadíssima com esta situação, pois fora a última vez que o vi, que pudera estar com o meu pai. Apenas a recordação daquela fotografia faz-me, ao mesmo tempo, ficar triste com saudade e, alegre com recordações.

Visualizo nela o meu pai, aquele homem bondoso e carinhoso, severo quando necessário, mas simpático e atencioso para com todos. Distintamente vestido para o baile dessa noite, o meu baile, que marcava o início de uma nova era na minha vida. Sentada a seu lado, minha mãe, elegantíssima num vestido de gala negro, que realçava os seus lindos olhos azuis, mais reluzentes que tudo o mais naquela sala. Bonita como era, torna-se difícil, para mim, aceitar agora este casamento repentino, com alguém que não a merece e que penso a degradou. Não sou intransigente: reconheço que ela tem todo o direito de reencontrar a felicidade, ao lado de alguém que não o meu pai. O que condeno é a sua escolha, aquele homem cujos passatempos favoritos são ficar em casa, aos domingos, a ver o canal desportivo e bebericar cerveja. Alguém como ele leva a minha mãe à autodestruição, mas só ela parece não notar. Até o meu irmão concorda comigo. Apesar de mais velho, sempre foi o meu melhor amigo, brincalhão e divertido, disposto a animar-me nos momentos mais difíceis. Também sempre se dera bem com o pai, que sonhava convencê-lo a juntar-se-lhe, na Marinha de Guerra. Apesar de ter os seus próprios sonhos, abdicou deles para seguir a opinião do pai. Mas após a morte deste, não fazia sentido para ele continuar. Seis meses depois, Carlos declarara-se incapaz de prosseguir e conseguira ser dispensado. Mesmo assim, saíra de lá revoltado e amargurado, diferente do Carlos que eu conhecera. Resolveu afastar-se e partiu para a Noruega, acabar um curso. No início, escrevia-me um postal todas as semanas. Poucas palavras, mas com sentimento. Que, no entanto, foram escasseando com o tempo. A última carta recebera-a havia três meses, onde só me dizia que teria em breve uma surpresa. Arranjara uma namorada, e pensava estabelecer-se lá, ou na Suécia.

Neste retrato, falta apenas Isabel, o mais recente fruto do amor dos meus pais. Sentada ao colo da mãe, herdou os olhos de meu pai, verdes cor de água e, tinha então dois anos. Nunca chegará a conhecer verdadeiramente o carácter justo e meigo do pai e, pelo que sei, é insuportável para com o padrasto. Eu não travei conhecimento com ele, mas fora ela, a mais nova, que arcara com todas as consequências, desde a falta do pai ao abandono dos seus irmãos. Desde o novo casamento da minha mãe, não mais a visitara, e não suportara também, vê-la desposar alguém, passado tão pouco tempo sobre a morte do marido. Cheguei a suspeitar de um romance anterior, mas seria impossível ela trocar um homem como o meu pai, pai perfeito e marido ideal, por um reles estofador, mesmo que fosse o último homem à face da terra.

- Percebeu, menina?

- O quê? Ah! Sim, compreendi perfeitamente.- tinha, decerto, corado. Mas nem ousei confessar que nada tinha ouvido do que me dissera.

- David, vês? Já chegaram os bombeiros, vamos sair para ajudar.

### III

Perguntei ainda, se necessitavam de ajuda. A resposta que obti não foi das mais favoráveis: “Se quer realmente ajudar, não atrapalhe. E sobretudo, não me grite mais ao ouvido.” Fiquei um pouco surpresa com a resposta, mas admito que chegara a ser bastante desagradável com ambos. Fiquei sozinha enquanto saíram para retirar o tronco. Pus-me novamente a pensar na razão que me levava até ali. Seria verdade que teria que identificar um corpo? Deste choque, não tinha ainda me recomposto. Pelos fragmentos de conversas que ouvira, o cadáver encontrado não possuía qualquer documento identificativo, à exceção de um pequeno bloco de apontamentos e de um dos meus cartões pessoais.

Quando o caminho ficou finalmente desimpedido, o temporal tinha parado completamente. Não consigo definir quanto tempo teria passado, mas pelo menos, algumas horas deveriam ter sido. Quando retomámos a nossa jornada, foi assim muito mais rapidamente que chegámos ao nosso destino.

A esquadra era um edifício alto e grandioso, que mais parecia um monumento. Tal visão fez-me lembrar os últimos acontecimentos. Desejava que tudo não passasse de um sonho, de um terrível pesadelo que desapareceria quando acordasse. Como tal não aconteceria, restava-me pensar no término daquela terrível noite. Mais meia hora e estarei em casa, a dormir o sono dos justos, pensava. Sabia que, sendo tão nervosa, não me iria recuperar muito facilmente deste choque. Talvez viesse mesmo a necessitar de um psicólogo. Não deixa de ser engraçado, uma psicóloga necessitar de um psicólogo.

Mandaram-me esperar numa pequena sala, em companhia de mães chorosas e namoradas histéricas, que empregavam aquela sala desconfortável, de um tom de sério desespero. Nunca tive muita paciência para longas esperas, começava sempre a impacientar-me e inquietar-me. Para distrair-me, fui tomando conhecimento dos dramas que grassavam em meu redor. “Uma esquadra de polícia nunca dorme”, parece uma frase feita, mas é totalmente verdadeira. Ao meu lado encontrava-se uma ingénua e confiante mãe, que recusava-se a acreditar na culpa do filho, apesar deste ter sido apanhado em flagrante delito a roubar um automóvel. Uma outra mãe, resignada e experiente nestas situações, vinha libertar a filha, uma toxicod dependente acusada de cometer pequenos delitos. O caso que mais me preocupou foi o de Aline, uma jovem negra que tencionava apresentar queixa por agressão contra o namorado, que a sovara violentamente. Apresentava marcas evidentes, mas mesmo assim ninguém ainda a atendera, deixando-a extremamente irritada. Acusava tudo e todos, xingava polícias, namorado e todos nós, ameaçando até levar mais um caso de discriminação aos jornais e televisão. Pessoalmente, sei que situações com esta acontecem todos os dias, mas mesmo assim, considerava o nosso como um país um pouco mais civilizado.

□

Veio então um a senhora despertar-me dos meus pensamentos.

- Sara Gonçalves? Faça o favor de me acompanhar.

Seguia-a por corredores movimentados e agentes atarefados, até chegarmos a uma outra ala, mais sossegada e quase sem policiais. Ao fundo do corredor, por cima de uma porta branca, uma tabuleta anunciava MORGUE. Debaixo desta, o agente Aragão, juntamente com mais dois polícias, esperava-me.

- Menina Gonçalves, o Inspector- chefe Marinho e Sargento Faria. Resolvemos esperá-la aqui, para a prevenirmos do que a espera lá dentro. Rosa, obrigado, pode ir.

- Gostava muito que me esclarecessem. Não sei bem para que precisam de mim, só sei que devo estar aqui para reconhecer um morto.

O agente Aragão continuou:

- Talvez tivesse errado ao não a informar devidamente. Se o tivesse feito, possivelmente não teríamos sido obrigados a passar por aquela cena lamentável. Mas encontrámo-la tão nervosa que pensámos ser melhor explicar-lhe tudo com calma.

- Bem, é nosso dever alertá-la, para o que possa encontrar dentro desta sala.- continuou Marinho- Pelo o que os agentes Ferreira e Aragão disseram, o seu nervosismo pode trazer-lhe problemas. Vai precisar de muita coragem para entrar aqui e reconhecer o corpo, pois este está quase irreconhecível.

- Devo acrescentar que todo este caso é muito peculiar. O corpo foi encontrado hoje, à algumas horas, no parque municipal. Presumimos que tenha sido atacado por animal selvagem, pelos cortes, equimoses e mutilações que encontrámos.

Quando ouvi isto, um calafrio gélido percorreu-me todo o corpo.

- No parque, foi o que disse? Quando?

- Há algumas horas. Fomos alertados por um telefonema anónimo, que apesar de a princípio se assemelhar a uma brincadeira, tornou-se bastante sério. Sente-se mal? Asdrúbal, chama a Rosa e pede-lhe para trazer um copo de água, que a senhora não parece se sentir bem

- Não, não é isso...- tinha decerto ficado branca como a cal, pois parecia não ter uma gota de sangue no meu corpo. Balbuciei estas palavras e limpei algumas lágrimas que teimavam em cair. – Fui eu quem fez esse telefonema- confessei.

O inspector olhou para mim, atónito.

- Você ? Não, não é possível. Para mim, ela não consegue ir avante com a identificação. – disse para os colegas – Está demasiado nervosa.

Decidi então contar toda a verdade, quer para me aliviar da tormenta de tais pensamentos, como para ajudar na investigação.

- Bem, tudo começou quando saí do escritório, por volta das sete horas. Como chovera o dia todo, eu pedi ao meu namorado, que tem carro, para me ir buscar. Só que esperei mais de uma hora e nem sinais dele. Ainda tentei apanhar um táxi, mas não consegui. Como estava com bastante pressa, decidi ir a pé para casa e, como o meu consultório fica próximo do parque municipal, resolvi cortar caminho por lá.

- Tudo bem, até aí. Mas, e o que aconteceu lá ?

- Começou a chover cada vez mais, e como a minha casa até nem era muito longe, em vez de me abrigar, decidi correr para chegar mais depressa. Foi então que ouvi um grito, um brado, decerto humano, aterrador, que me deixou apavorada. Fiquei um pouco indecisa ainda, pensei em ver o que se passava, mas estava tão assustada que mudei de ideias e decidi sair dali, o mais rapidamente possível. Quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi telefonar-vos, mas não me identifiquei, pois pensei não ser importante. Dali a pouco, recebi a visita do senhor e do outro agente, mas a partir daí você sabe.

- Quer dizer que, durante todo este tempo, tinha sido você a fazer o telefonema? Porque não se identificou? E poderia ter utilizado ter usado uma das cabinas telefónicas lá existentes. Teríamos poupado um tempo que poderia ser precioso. Decididamente, não acredito no que diz. Não a podemos acusar de nada?

- Não acredita em mim ? Isto é demais ... – olhava confusa e assustada para o sargento – Quando digo a verdade, não acreditam. Eu estava assustada, com imenso medo, só queria chegar a casa. Nem me ocorreu a ideia da cabina telefónica. Talvez ainda pensasse que era um partida de alguém...

- No meio dum temporal ? Tenha senso, por favor. Quem ia pregar uma brincadeira destas durante uma trovoada ? – o sargento Faria estava realmente furioso comigo – Bem, despachassem-se com estas tretas, que eu vou-me embora. Se precisarem de mim, chamem.

- Jorge, não exageres. – tentou acalmar o inspector – Ela já está suficientemente nervosa para estares a acusá-la. Acalma-te .

- Ótimo! O caso nem sequer é meu. Eu vou-me embora. – ficara com a sensação de que ele não devia ter ficado muito impressionado comigo. Nem eu com ele, deva-se dizer. Fiquei aliviada quando se foi embora.

- Bem, o melhor a fazer é despacharmo-nos. Antes de entrarmos, quero ter a certeza de que está consciente do que vai ver. Não vai ser fácil reconhecer o corpo, a não ser que este lhe seja muito familiar. Pode conseguir identificá-lo pela roupa, um sinal... – após estas palavras, a porta abriu-se atrás de mim, e de lá surgiu o outro agente, Luís David Ferreira. Lembrei-me que tinha sido bastante compreensivo anteriormente e já não me senti tão só. Após aquele desagradável encontro com o sargento, qualquer outro polícia seria simpaticíssimo.

- Preparada ? - perguntou-me. A mesma voz límpida e harmoniosa, que tanto me marcara.

- Tenho de estar. Vou ser forte, vou chegar e ver o corpo, para o identificar. Se não o conhecer... Mas vou conseguir. Vai tudo correr bem, não vai ? Claro que sim, eu não estou nervosa.

Tentava convencer-me das minhas próprias palavras, mas não parecia que estava a ser bem sucedida. O Inspector pediu-lhe então que me acompanhasse.

- Preparada ou não, vamos a isto.

✕

Respirei fundo e trespassei aquela porta branca. Dentro da sala, o ambiente era gélido e cortante, com um cheiro a éter agonizante. A um canto, três homens de bata branca juntaram-se a um outro, de uniforme policial, em redor de uma mesa, em tudo semelhante às outras ali existentes, duas delas tapadas completamente com lençóis brancos. Numa das paredes, uma série de gavetões pareciam os responsáveis pela temperatura gélida existente.

Eu engoli em seco e o agente Luís David encaminhou-se para junto deles. Não sabia ao certo o que iria encontrar, mas estava completamente determinada a não me deixar abater novamente. Precisava de acreditar que não reconheceria o cadáver, para manter o meu nível de sanidade mental.

Ainda hoje não sei o significado, do gesto que empreendi em seguida, mas que na altura foi deveras reconfortante. Olhei para o relógio oval que se encontrava numa das paredes da sala, eram cerca de onze horas e trinta minutos. Tinham sucedido mil e um desagradáveis acontecimentos desde que, às sete, já na escuridão, saíra do consultório. Seria este o último deles? Aproximei-me da mesa e pedi para retirarem o lençol que cobria o cadáver.

O meu primeiro impulso foi negar conhecer tal indivíduo. Quis fazê-lo, mas não consegui. Fiquei longos e eternos segundos a olhar para ele. Impávida, não conseguia articular uma palavra, não fazia um gesto, só percorria com o olhar aqueles que seriam os restos mortais daquele que considerava um dos homens da minha vida.

Jazia ali, completamente desfigurado, o homem que eu aprendera, a amar. Rodrigo. Fiquei perplexa e não sei como consegui aguentar o embate de tal imagem. Banhado em sangue, de uma palidez mortífera, mutilado nos membros e em todo o corpo, coberto de arranhões e equimoses. Não existiam quaisquer dúvidas: era ele. Imóvel, não tinha ainda proferido uma única sílaba. Olhava de relance para ele e fixava-me cada vez mais nos pormenores. A roupa ensanguentada, os óculos partidos ao lado, a imagem de um anel que

eu lhe dera e ele usava ainda no dedo. Dissera um dia que nunca se separaria dele. Nunca digas nunca, respondera eu. Mas nunca seria tão verdadeira a sua afirmação. Apesar de bastante mutilado em todo o corpo, o seu dedo e o anel permaneciam inalteráveis- e o dourado do anel estava mais reluzente que nunca.

Foi a última coisa de me consigo lembrar. Subitamente, um tremor percorreu-me novamente o meu corpo. Fiquei sem forças e desmaiei. Recordo-me também de uma última sensação, de amparo e segurança.

# ***Segunda parte***

## I

Quando acordei, vi-me num local totalmente desconhecido. Não em minha casa, como imaginara, mas naquilo que se assemelhava em tudo a um quarto de hospital.

- Enfermeira, chame o Dr. Tavares. Ela já acordou.”

Esta voz soava-me familiar. Estava ainda muito confusa, mas lembrava-me daquela voz límpida e fresca. Daí não ter estranhado a presença da pessoa mais simpática e delicada comigo das últimas horas quando abri ambos os olhos, a princípio um pouco com receio. O Sr. Ferreira, como já o tratava mentalmente. Parecia satisfeito por me ver acordada, ele que tinha sido uma grande ajuda em tudo o que eu passara.

- Como está ? Melhor, espero sinceramente.

- Eu... -não me deixou acabar a frase.

- Não, não fale. Os médicos disseram-me que teve um grande choque, do qual ainda não se recuperou totalmente. Foi obrigada a tomar um calmante, para que pudesse descansar sem sobressaltos.

Explicou-me então o ocorrido na véspera, desde o meu desmaio. Desde a altura em que eu fixara, estática, o corpo, e pensavam que eu estaria a tentar recordar-me de tal indivíduo, até ao momento em que, sem forças, quase caíra no chão.

- Pregou-nos a todos um valente susto. Pensámos que poderia ter-lhe acontecido algo grave; e se eu não a tivesse amparado, poder-se-ia ter magoado.

- Foi você? O que é que aconteceu?- pedi um copo de água. Tinha a garganta completamente seca e custava-me bastante falar. - Porque é que estou num hospital? Dormi por muito tempo?

Ele fez um sorriso simpático, segredando-me:

- Bem, eu vou-lhe expor a situação, apesar de não perceber muito disto. Mas antes, exijo saber se não precisa de alguma coisa, se se sente cansada, ou mesmo tonta.

Respondi-lhe que estava um pouco confusa, assim com não me lembrava de certos aspectos importantes que tinham acontecido.

- É normal. - respondeu, encostando-se à cama de ferro - você sofreu daquilo que os médicos chamam de choque pós-traumático. Ao ver o corpo do seu namorado, sofreu um choque, tendo dificuldades em aceitar tal visão, o que se traduziu em tonturas profundas, e consequente falta de sentidos.

- Penso que tem razão.- respondi - Não é médico, pois não? Parece, pela maneira de falar...

- Não, não sou. Sou polícia, como sabe. - respondeu, sorrindo novamente. - Comecei o curso de Medicina mas desisti. Era pouco emocionante. Não se consegue lembrar de mim?

Prestei-me a responder que sim, lembrava-me dele, até bastante bem. Era o Sr. Ferreira, o agente simpático que me oferecera uma abençoada chávena de café.

- Por favor, não me chame Sr. Ferreira, nem sequer agente ou policial. A todos que me conhecem, exijo que me tratem pelo nome próprio, Luís David, ou simplesmente David. Você também, claro. - dissera- Ainda bem que se lembra de mim. E tem imensos amigos. Sabia que imensas pessoas gostariam de a vir visitar? Ganhou a simpatia de muitos colegas meus e, lá fora está a sua família, para a ver.

Eu não queria acreditar. A minha família? Impossível. Havia já tanto tempo que não tínhamos contacto, que não se teriam deslocado de tão longe só para me ver.

- Pois estão todos aí... A sua mãe, o seu pai, os seus irmãos. Todos esperam a sua vez de visitá-la.

- O meu pai...? Ah! Não se refere, por acaso, a um indivíduo baixo, um pouco gordo, barba e bigode? - perguntei.

- Bem, deixe ver.- espreitou pela vidraça – Já cá não está. Mas como estava com a sua mãe, suponho que seja seu pai. Pelo que me lembro, era...sim, era baixo. Mas não era gordo, nem usava bigode. Deve estar enganada.

- Pois não era o meu pai, isso tenho a certeza. Ele morreu à cerca de dois anos. – só mencionar o meu pai fizera-me lacrimejar novamente. Tentei limpar as lágrimas, mas ele percebera.

- Desculpe, não fazia ideia. E muito menos queria a fazer chorar. Meti a pata na poça, não foi? E eu que queria ser o primeiro a vê-la, só para a ver sorrir. Só a fiz chorar.

Não, ele não tivera qualquer culpa. Expliquei-lhe que, quando falava no meu pai, ficava sempre muito sensível. Agradei-lhe toda a simpatia que tivera para comigo, desde o momento que nos conhecêramos, sem pedir nada em troca. Simpatia essa que ele demonstrava a todos os momentos.

- A melhor maneira de me agradecer será recuperar-se totalmente, o mais rapidamente possível. Mas que estou eu a fazer? Vou chamar a sua família, que devem sentir muitas saudades suas. Estavam muito preocupados ainda à pouco.

Saiu por breves momentos. Só então me apercebi que, em toda a nossa conversa, não tinha mencionado nada do que acontecera na véspera. Deviam ser ordens médicas para não me preocupar, mas eu precisava de saber mais pormenores. Perguntaria, na primeira oportunidade.

¤

Quando regressou, não percebi logo quem trazia consigo. Fez tenção de sair, mas como apreciava a sua companhia, tentei demovê-lo.

- Espere, Sr. Agente, não vá. Fique aqui, se puder, e quiser, claro.

- Posso, claro. Hoje estou de folga. Mas, por favor, não me faça sentir mais velho. Chame-me David, é uma ordem.

Tudo bem, respondi. Pedi-lhe que se aproximasse e, por detrás dele, surgiu Carlos, o meu irmão.

- Carlos! Dá-me um abraço. Não dizias nada! – tinha-me emocionado um pouco com a surpresa, mas depressa caí em mim – Que fazes aqui? Não nos vemos à séculos!

- Desculpa, maninha.- trazia consigo um sorriso de orelha a orelha – Quase me esquecia de ti. Felizmente lembrei-me que tenho uma irmãzinha adorável. – deu-me um abraço muito forte.

Eu estava contentíssima, mas um pouco intrigada.

- Como vieste cá parar? Não estavas na Noruega?

- Esqueceste-te então da minha surpresa? Cheguei ontem, queria matar saudades de todos vocês. Tencionava visitar-te amanhã, mas a mãe telefonou-me hoje de manhã, a avisar que estavas no hospital. Claro, vim sem demoras.

- A mãe... ela está aí fora? Como ela está?

- Bem, penso. Está ali com a Isabel. Eu vou sair, para as poderes ver.

- Não, espera um pouco.- disse, pegando na sua mão, assim como na de Luís David, que se encontrava a meu lado.- Ambos estão a ser muito importantes para mim, neste momento difícil. Obrigado.

Olhei para ambos, vendo-os, não como um irmão e um polícia, mas como dois amigos.

- Se o Rodrigo me visse agora, tão bem rodeada, iria de certeza, ficar enciumado. O Rodrigo...- o recordar do seu nome fazia-me soluçar- Não pude sequer despedir-me dele. Porquê? – voltei-me para Luís David e perguntei- Pode dizer-me o que aconteceu? Ontem à noite, como é possível que ele tenha morrido? Não foi, decerto, um sonho. Foi bem real. Pode explicar-me o que aconteceu?

Ele respondeu-me evasivamente, pedindo para não me preocupar. Mais tarde explicaria tudo. Sobretudo, não se enerve, dissera.

- Sábios conselhos, maninha. – concordava Carlos, dando-me um repenicado beijo na bochecha. – Pois ainda não estás curada. Descansa um pouco, eu vou chamar a mãe.

Saiu então do quarto. As lágrimas teimavam voltar novamente, e foi Luís David quem, muito cuidadosamente, tratou de as limpar.

- Não chore, que não vale a pena. Precisa de muita alegria para abraçar a sua irmã e a sua mãe. Aí vêm elas!

Com efeito, neste preciso momento, a porta da enfermaria abriu-se e através dela entrou uma pequena criança endiabrada.

- Sara! – viera a correr e já me saltava para cima da cama.

- Isabel, olá! Estás boa? Dá-me um abraço!...- após esta efusiva manifestação de carinho, dirigi-me à senhora que a acompanhava- Olá, mãe. Como vão as coisas? Está tudo bem?

- Parece que quem não está muito bem és tu, Sara. Precisas de alguma coisa?

Após ouvir estas palavras, a minha vontade era simplesmente pedir-lhe para se calar e sair do quarto. Mas por respeito aos presentes, acabei por lhe lançar apenas um gélido e indiferente olhar e, voltei-me novamente para a minha irmã.

- Como estás crescida! – afagava-lhe a nuca e as tranças morenas – Há imenso tempo que não te via. Tens te portado bem?

- Extremamente bem.- respondera-me a mãe – Sabes, Sara- recomeçou num tom mais severo – eu ainda sou tua mãe. Estou sinceramente preocupada contigo e com a tua saúde, mas gostava que não fosses tão fria comigo. Basta-me um pouco de carinho, nada mais.

Admito que um dos meus maiores defeitos é nunca dar o braço a torcer. Sei que é um acto bastante egoísta, assim como sabia, na altura, que ela estava completamente certa. Mas nunca o admitiria. E apesar disso, consegui engolir parte do meu orgulho e dar-lhe uma resposta satisfatória.

- Não se preocupe, mãe. Passei um mau bocado, mas agora estou bem.

A conversa foi interrompida com a chegada de um médico, e com ele, uma das enfermeiras.

- Receio que o que diz não corresponda inteiramente à verdade. Desculpe, menina, mas não pude deixar de ouvir.- olhou em volta, observando todos os que ali se encontravam. – A família toda reunida, não é? Pois muito prazer, eu sou o Dr. Jaime Abreu. Vocês devem ser a Sr.<sup>a</sup> Aguiar, a pequenina e o irmão mais velho da Sara. Correcto?

- Errado. – Luís David apressou-se a esclarecer o equívoco.- Eu não sou o irmão, mas o prazer não deixa de ser o mesmo. Chamo-me David Ferreira, sou o agente policial encarregue desta sua paciente.

- Desculpe o engano, Sr.. Muito prazer. – feitas todas as apresentações, o doutor explicou detalhadamente o meu problema, não faltando as respectivas recomendações.- A nossa paciente parece recuperada do choque, mas nada é conclusivo. Tratando-se de problemas de foro psicológico, não podemos fazer-lhe análises ou exames para retirar as nossas dúvidas. Quando eu lhe der alta, serão vocês que terão de assumir responsabilidades sobre ela.

Retorqui, afirmando que me sentia muito bem e nem sequer a cabeça me doía. Mas quando ele ia contestar estas minhas palavras, foi novamente interrompido.

- Posso entrar ? – era meu irmão que entrara na sala, e acercara-se de nós. – Gostava de fazer parte da reunião, já que sou o irmão da Sara.

Lancei-lhe então um olhar enternecedor, que ele entendeu em pleno. Aproximou-se da mesa de cabeceira e deu-me novamente a mão, perguntando-me baixinho:

- Está tudo bem ?

Respondi-lhe com um aceno, mas ele já pedira ao Dr. Abreu para continuar.

- Como eu dizia ainda à pouco, a Sara necessita de muito repouso. Vai ter de descansar bastante e conto com todos vocês, para que não a deixem preocupar-se ou mesmo irritar-se. Um pequeno aborrecimento pode mesmo chegar a tornar-se muito perigoso. – tomou fôlego, continuando – Não temos dados concretos sobre este tipo de choques, e tudo o que posso dizer é que qualquer tipo de ansiedade ou descontrolo pode provocar sérias lesões psicológicas. Percebeste bem, minha pequenina ?

Esta última afirmação fora dirigida especialmente à minha irmã, que com mais um gesto carinhoso por parte dele, ficou completamente rendida. O Dr. era óptimo com crianças.

- Não vais chatear a tua mana, pois não ?

- Não, eu gosto muito dela. – foi a sua curta mas sentida resposta.

- Óptimo! Sei que vai ficar em boas mãos. Agora, todos para fora! A Sara precisa de dormir mais um pouco.

- Todos obedeceram e, um a um, saíram do quarto. Luís David foi o último, e antes que saísse, interpelei-o:

- Sr. Agente...

- David!, já lhe tinha dito!

- Como queira ... – Estava a ficar cada vez mais ensonada, devia ser do calmante que a enfermeira aplicara. Mas tinha de saber ... – Agora já pode me dar algumas explicações, para eu poder compreender o que aconteceu ?

- Esteja descansada. - foi a sua resposta – Quando estiver mais forte e eu vier visitá-la, explico-lhe tudo. Durma e sonhe muito.

## II

No dia seguinte, o doutor concedera-me alta. No entanto, fora bem claro: muito repouso, e nem pensar sequer em trabalho nos próximos dias. Que precisaria de estar sempre acompanhada, pois, pelo que disser, corria sérios riscos de uma depressão pós-traumática.

Vi-me assim obrigada a concordar com todas estas condições. Não que umas férias, apesar de forçadas, não fizessem bem a qualquer um. Combinara com o meu irmão para que ele me vir buscar e levar a casa, onde a minha mãe ficaria comigo até eu ficar boa.

Estava já pronta, tendo arrumado o pouco que ali tinha, e sem qualquer saudade, despedi-me daquele quartinho onde tinha ficado nos últimos dias. Saía do quarto, quando surgiu de novo a figura de Luís David.

- Bom dia! Sente-se melhor? - perguntou.

- O suficiente para estar desesperada para sair daqui sem demora. Espero apenas o meu irmão para regressar para casa. Estou com imensas saudades.

- Sinceramente, não sabia que teria hoje alta. Parece que por pouco não te encontrava.

Agradei-lhe, mais uma vez, tudo o que fizera por mim. Como retribuir um dia? Como me arrependia, ainda hoje, pela lamentável cena nervosa da noite do temporal! A minha indelicadeza para com ele e o colega não tinham tido limites, só podiam ser explicadas pelas minhas tendências depressivo-neuróticas.

- Foi para relembrar essa noite que vim hoje ter contigo - disse ele, após ter aceite as minhas desculpas. - Sei que trarei más recordações, mas, como prometi, acredito que mereces ser informada.

Nem o facto de eu esperar à muito este momento contribuiu para que eu não sentisse as forças a abandonarem-me quando mo disse. Uma ténue lembrança era tudo o que tinha dessa noite, e o recordar fez-me então lacrimejar. Ia responder-lhe quando, subitamente, se acerca de nós o meu padrasto.

- Sara, debes lembrar-te de mim. Apesar de nos termos visto somente uma vez, pelo que a tua mãe conta, considero-te já uma filha.

Ele tentava ser simpático, mas notava-se perfeitamente que estava ali forçado. Suspirei fundo por um breve momento e, plena de uma nova força, que não me deixava abater, apresei-me a responder...

- Sr. ...- fiz uma pequena pausa, como quem parecia estar a recordar-se de algo- Eu sei o seu nome, espere um momento...Deixe ver se me lembro. Cardoso? Não, não é. Leitão? Também não. Ah! Lembrei-me! Sr. Hipólito Cunha, como vai?- É verdade, admito-o, que fui bastante desagradável com ele. Mas não o consegui evitar. Foi mais forte que a minha consciência, e depois de tudo o que passara, esperava descarregar em alguém. Que, só por acaso, era o meu odiado padrasto. Foi contudo, um momento bastante divertido, que eu aproveitei ao máximo. - David, este é o mais recente marido de minha mãe, Hipólito Cunha. Sr. Hipólito, este é um grande amigo meu, o Sr. Ag<sup>te</sup>. Luís David Ferreira.

Curiosa com as reacções causadas pelas minhas palavras, olhei de soslaio para a expressão de ambos. Se Luís David parecia realmente surpreendido, lançando-me também um olhar inquiridor, o meu padrasto, mais que surpreso e espantado, parecia quase irritado com a minha atitude.

Criara-se então um embaraçoso silencio, apenas quebrado quando Luís David resolveu tomar a iniciativa e estendeu-lhe a mão.

- Ainda não tinha tido o prazer de o ter conhecido. Chamo-me Luís David Ferreira, e sou amigo da Sara.

- Muito prazer. - foi a resposta seca e áspera, que aliada a uma expressão séria e

- carregada, indicava a sua irritação. - Sara, - disse, voltando-se para mim. - O teu irmão não

pode vir buscar-te, ficou bloqueado na 5ª Avenida por causa do trânsito. A tua mãe pediu-me para levar-te a casa. Estás pronta ?

A simples ideia de ser ele a levar-me a casa não me agradava mesmo nada! Por breves instantes, culpei Carlos, pois, apesar de saber que não o conseguia suportar, obrigava-me a ir sozinha com aquele homem. No entanto, não hesitei, e precisando de uma solução drástica e rápida, apressei-me a responder, com o ar mais natural do mundo:

- Não me diga! Então não lhe haviam dito que já não ia com o meu irmão? –a tal solução chegara e, agarrando o braço de Luís David, acrescentei – Eu descombinei tudo com o meu irmão ainda à pouco. O David faz questão de ele próprio me levar a casa , e não vou lhe fazer uma desfeita.

A ligeira irritação do meu padrasto estava a tender para tornar-se algo mais sério. Tinha ficado bastante avermelhado, e a sua expressão mostrava um misto de fúria e embaraço.

- Se tinhas outros planos, podias ter avisado. Ou pelo menos, a tua mãe. Mas claro, quem sou eu para discordar das tuas decisões?

- Concordo inteiramente consigo. Você não é ninguém para questionar as minhas decisões, tão pouco meu pai ou meu parente.

Estas palavras, ditas tão violentamente, foram recebidas como um balde de água bem fria. Tentou ainda ripostar, mas apenas exprimiu fúria e desconsolo, voltando-nos as costas e indo embora sem mais palavras.

- Agora que conhece o meu “pseudo-padrasto”, diga-me, o que acha dele?

- Personagem interessante, mas percebeu-se nitidamente que ficou muito magoado contigo. Porque foste tão antipática para com ele?- respondeu .

- Porque é, talvez, a única pessoa que não suporto, e a única que queria ver neste momento.

Luís David era um pouco mais humano e bastante menos duro que eu, e quase me repreendeu pela minha atitude.

- Acho que lhe deves pedir desculpa. – aconselhou.

- Eu?! Nunca na vida! – não tardei a acrescentar – Ele é um homem desprezível. Não me admirava que tivesse ficado lá fora, escondido, a espionar se vou sozinha para casa.

- Não consigo acreditar. Deve ser um bom homem, tenho a certeza. Decerto não o conheces bem.

- Mesmo que o seja, ficava bem mais sossegada sem ouvir sequer o seu nome. Mas podias ajudar-me, talvez...

- Se estiver ao meu alcance, com muito gosto. – respondeu sinceramente.

- Podias levar-me a mala até à rua e chamar um táxi? Tenho ainda que falar com a enfermeira.

✕

Demorei muito pouco, e em breve transpunha a porta do hospital onde passara os últimos dias. Lá fora, procurei Luís David com o olhar. Não o via por lado nenhum, nem sequer o táxi que pedira para chamar, ou mesmo a minha mala.

- Hei, Sara! Aqui! – ouvi, olhando na direcção da voz que me chamava. Era o Luís David, sentado dentro dum Corsa vermelho.

- Então – disse quando me aproximei- Não estavas a dizer que o teu padrasto poderia estar a espionarmo-nos? Ou pensavas sequer que te deixava sozinha depois de tudo? Ordens médicas, entra, eu levo-te a casa.

Agradei a gentileza e entrei. Durante o pouco que demorámos a chegar à minha rua, tive a oportunidade de conversar um pouco mais com ele. Mais do que um agente policial, era agora um amigo, simpático e divertido, que me animava sempre que ficava mais tensa.

- A minha mãe deve estar à minha espera.- disse ao chegarmos. – Muito obrigada pela boleia, fico a dever-lhe um favor.

- Claro que não, - respondeu – estou apenas a fazer o meu trabalho. Tinha de te colocar sã e salva em casa, para podermos falar de assuntos bem mais sérios.

Percebi logo pelo seu tom que era a conversa que eu ao mesmo tempo ansiava e receava. Era a oportunidade de poder esclarecer todas as dúvidas que me martelavam os pensamentos, já de si confusos.

- Entre comigo, por favor. Não iremos conversar à entrada.

Mas quando coloquei a chave na fechadura, estremei. Uma estranha sensação, um calafrio, talvez. A última vez que tinha esboçado aquele gesto estava extremamente assustada, mas pensava que o Rodrigo estava bem. Agora, não podia estar mais descontraindo, mas Rodrigo estava morto e eu sabia- o.

- Mãe! Estás aqui? – perguntei, ao entrar em casa. Ninguém respondera, e desde logo deduzi que ela tinha mentido quando dissera que não se afastaria um minuto. Possivelmente, nunca fizera tenções de ficar comigo.

- Parece que não está ninguém em casa. Não se preocupe, faço- lhe companhia até a sua mãe regressar.

- Não é necessário, obrigada. – ansiosa, quis logo ir direito ao assunto – Diga-me, como é que o Rodrigo morreu ?

- Calma aí – pelo contrário, Luís David não estava nada contraído. – Sente-se, faça de conta que está em sua casa. Quer um café?

Veio-me logo à memória aquele delicioso café que tomara na viatura.

- Muito obrigada. Mas como estou em minha casa, eu mesma preparo o café.

- Nem pense nisso, agora sou eu quem vai tomar conta de si.

Fiquei ainda um pouco a pensar no que ele queria dizer, até que me obrigou a deitar no sofá, colocando-me por cima um manto que nem sei onde fora encontrar.

- Fique aí quietinha que eu amanho-me na cozinha. – sorri quando ele disse estas palavras. Parecia uma inválida, mas esperava que ele necessitasse da minha ajuda. Não daria nem cinco minutos até que ele voltasse para pedir ajuda.

Nem sequer tinha passado um minuto, quando voltou, mas não para pedir ajuda.

- Sara, tinhas este bilhete na porta do frigorífico.

Levanto-me para ver do que se tratava, mas era um bilhete para o meu padrasto.

Hipólito:

Tive de ir fazer compras  
ao supermercado.

Fica com a Sara e não a  
deixes só.

Ajuda-a no que precisar, e  
sobretudo, sê simpático.

(NÃO DEMORO!)

- Ah, Ah, Ah! – acabei por me rir – Não é demais? Como se ele soubesse o que é simpatia...

Mas ela demorava, e dali a pouco, Luís David servia-me uma outra chávena de café.

- Está delicioso, obrigado. Faz o café muito bem.

- Obrigado, são os anos de experiência. – o seu sorriso era agora claramente forçado- Precisamos e falar. Já deve saber as linhas gerais do que aconteceu no outro dia. Mas existem ainda alguns pontos a esclarecer, e nesses podemos ajudar-nos mutuamente.

- Eu tenho algumas perguntas a fazer-lhe- disse-lhe então. – E a primeira delas é: o que aconteceu?- pensava estar preparada para qualquer revelação que ele me fizesse, por mais cruel que fosse.

Explicou-me que iria tentar resumir tudo o que acontecera, e que a polícia tinha conhecimento. Por volta das 19 e trinta do passado dia 30 de Novembro, receberam uma chamada anónima. Um alerta para algo de estranho que estaria acontecer no parque da cidade. A princípio, tinham pensado tratar-se de alguma brincadeira, mas ao deslocarem-se lá encontraram um cadáver, o que os levou a pensar em crime. Um indivíduo do sexo masculino, vinte e tal anos, sem identificação que lhe valesse, pouca roupa, sem valores, apenas encontraram um dos meus cartões de visita, num dos bolsos.

- O meu cartão ...- interrompi- dei-lhe um novo no outro dia, porque ele perdera o que lhe dera. Mas como morreu ele, e ficou naquele estado que eu vi?

- É me bastante difícil estar-lhe a revelar-lhe isto, nem sequer estou autorizado a dar-lhe muitos pormenores. Ele foi atacado por uma fera, um animal selvagem. – suspirou profundamente, como que querendo arranjar a coragem suficiente para acabar o que começara. – Pelo seu estado, imagináramos que não se tratava de um ataque humano, mas sim de alguma besta, talvez um dos animais selvagens que por vezes rondam estes parques. Apenas depois de você ter lá ido conseguimos relacionar esse acontecimento com um outro ocorrido nessa noite.

Um súbito ruído chamou-me a atenção. Alguém mexia na fechadura da porta. Luís David deu um salto na cadeira, dirigiu-se para lá e encobriu-se pela porta. Quando esta se abriu, eu própria suspirei, aliviada. Era a minha mãe, que chegava carregadíssima com sacos de compras.

- Olá filha ! Então, estás melhorzinha? O Hipólito tem te feito companhia? Eu já cheguei, não te preocupes mais.

Não tinha ainda reparado na presença de Luís David. Ao fechar a porta, olhou para detrás da mesma e, ao vê-lo assim escondido, assustou-se.

- Meu Deus! Sara, aconteceu alguma coisa? Quero dizer, com o teu padrasto. – e mais baixinho, em quase em surdina, acrescentou. – O que é que este está aqui a fazer?

Resolvi tranquilizá-la, dizendo que não viera com o meu padrasto mas sim com o Luís David, e que este estava a explicar-me o que acontecera na aterradora noite que tivera.

Ele dirigiu-se-lhe então muito educadamente:

- Como vai, minha senhora? Desculpe a inconveniência.

- Não faz mal, - respondeu ela muito desajeitadamente, um pouco embaraçada. – eu vou para a cozinha, assim podem conversar melhor.

Retirou-se novamente, enquanto o Luís David continuava a minha elucidação do que sucedera. Por mais incrível que pareça, soube então que o que tinha atacado o Rodrigo tinha sido uma das panteras do circo “Alegria”. Uma pantera negra, recém adquirida, extremamente selvagem e por domar, que não se sabe bem como conseguira escapar. O

animal já fora abatido nessa mesma noite, o circo cancelara todos os espetáculos e via-se a braços com um processo por negligência.

- Isso é tudo extremamente grave!- disse, espantada com o que ouvira. – O meu namorado , atacado por uma fera? Mas que país é este, em que acontece coisas destas? E eu,

22

eu ouvi-o gritar!- dei aí por mim a imaginar o que teria acontecido se eu me tivesse aproximado mais.

- David!- gritei. Quer dizer que eu, estando também no parque, corria exactamente os mesmos riscos? Que eu poderia ter sido atacada?

- Parece que sim, não tenho dúvidas disso. Eram decerto as únicas pessoas no parque. E se não tivesse sido atacado, os papéis teriam se invertido, e nesta hora eu estaria a falar com ele e não consigo.

Estas últimas revelações tinham me tocado profundamente. Rodrigo, sem o saber, dera a sua vida para me salvar. Oh! O que eu faria para poder novamente lhe falar! Mas deste estado de profunda melancolia e reflexão depressa passei a um de revolta, contra aquele que menos culpas tinha, Rodrigo:

- Porque é que ele tinha de ali estar naquela noite? O que fazia ali, sozinho, no meio do parque, que sítio perigoso!, e numa noite daquelas!

Tinha realmente perdido completamente a calma e a compostura, e só me recompus quando Luís David me tentou aquietar.

- Acalme-se , Sara!- respondia David. –Não pode irritar-se, lembre-se. Ordens médicas que eu tenciono fazer cumprir.

- Está bem- resignei-me - mas é extremamente difícil acreditar em tudo isto. O Rodrigo, uma das pessoas mais responsáveis e cuidadosas que conheço. Ele sabia o quanto era perigoso andar no Parque à noite...

- Nós pensamos ter também uma explicação para isso. No outro dia, você disse que esperou por ele à saída do emprego, não foi?

Respondi afirmativamente, que tínhamos combinado que ele me iria buscar de carro.

- Tudo bate certo. O que terá acontecido, é que terá sido vítima de um assalto. Após analisarmos todos os factos, chegámos a conclusão que o Sr. Rodrigo Guedes tinha sido assaltado dentro do próprio automóvel. Esta viatura foi encontrada abandonada algumas horas depois, com toda a identificação do seu namorado. Tinha sido utilizado para fuga num assalto a uma loja de bebidas.

- Um assalto também?- parecia incrível, mas fazia algum sentido.

- Só achámos estranho – continuou- foi ele não ter apresentado queixa logo após o assalto.- parou por breves momentos, servindo-me um copo de água. E devia estar branca como a cal.- Mas a partir daqui só entrando no campo das deduções. Possivelmente, terá preferido encontrar-se consigo, conforme o combinado. Pode mesmo ter querido poupar algum tempo, atalhando pelo Parque. Se foi isso, sabemos que não o pode censurar. Porque foi ele quem foi atacado pela fera, e não você!

Contado ninguém acreditaria, pensava. Parece uma história de terror que conhecemos da TV ou cinema. Ainda bem que já acabara.

### III

- Estou imensamente cansada- disse então – Importar-se-ia se eu fosse agora descansar um pouco? Foram demasiadas revelações seguidas, e hoje não consigo falar mais sobre isto.

Delicadamente, disse não se importar. Descanse bastante, dissera, para se recompor depressa. Voltarei um dia para acabarmos de conversar.

Eu não sabia o que haveria mais a dizer. Ele buscara a gabardina e preparava-se para sair, quando bateram à porta.

“Quem será?”, pensei.

- Poderia abrir a porta, se faz favor? – pedi-lhe, pois conservava-me ainda deitada no sofá.

Quando ele a abriu, por breves momentos fiquei sem saber quem era. Encoberta por Luís David, uma surpreendida voz feminina pedia desculpa por se ter enganado no apartamento.

- Para que andar quer ir?- perguntou Luís David.

- Eu vinha visitar uma amiga no 3º andar. Moro lá em cima, e como utilizo as escadas, por vezes engano-me. Desculpe o incómodo, sim?

Foi então que reconheci a hílare voz e a presença de espírito de Júlia, fiz-me entender.

- Júlia, vem cá, não te enganaste! Anda cá e dá-me um abraço.

Como ele tinha-se afastado um pouco, pude ver o espanto da minha amiga. -

Sara !? Espera aí, mas se esta é a tua casa, quem é este? – entrou e dirigiu-se-me, quase num sussurro –Tu não estás a trair o Rodrigo, pois não?

Pobre Júlia, a mesma estouvada de sempre! Ainda não sabia nada...

- Sara, eu vou andando. Recupera depressa, que depois falamos. – era Luís David, que se ausentava no momento mais oportuno. – Prazer em conhecê-la, menina Júlia.

Seria impossível descrever a expressão desta quando ele disse estas últimas palavras.

- Sara, o que é que está a acontecer?- perguntou-me, após ele ter saído. – Pedes que eu venha cá visitar-te, depois somes durante dias, deixas o televisor aceso... Estive quase a comunicar o teu desaparecimento. Podias ter sido raptada! Mais tarde, telefone para tua casa e a tua mãe diz-me que estás doente! O que se passou? E quem é este tipo?

A Júlia é difícil de descrever. A minha melhor amiga, talvez o meu complemento. Sou bastante mais recatada que ela. Ela é daquelas pessoas que dizem tudo na cara dos outros, doa a quem doer. Descontraída e alegre, por vezes até demais, é totalmente o oposto de mim.

- Júlia... – ia começar a explicar-lhe quando apareceu a minha mãe. Feitas as apresentações, pediu a Júlia que a ajudasse enquanto eu descansava.

Deve ter então esclarecido tudo pois, dali a pouco, quando regressou, Júlia trazia os olhos chorosos e deu-me os pêsames.

- Descansa bem, e peço também imensas desculpas pelo que disse à pouco. Fiquei surpresa quando este polícia abriu a porta, confesso, mas sei que não tinha o direito de dizer aquilo. Mas fica aí quietinha e descansa. Eu volto mais tarde para conversarmos melhor.

Despediu-se com um repenicado beijo na minha bochecha. Foi melhor assim. Ter de relembrar para lhe explicar tudo novamente iria ser ainda mais doloroso para mim. Por uma vez, a minha mãe havia-me feito um grande favor.

# ***Terceira Parte***

Vários dias passaram desde então. Fiquei cerca de duas semanas sem ir ao consultório e, os meus pacientes começavam a impacientar-se com a minha ausência. Alguns chegavam a telefonar, para dizer o quanto necessitavam de desabafar. Mas durante este tempo mantive-me em puro descanso e durante vários dias nem sequer mantive o contacto com o consultório.

A minha mãe continuava comigo, mas eram frequentes as visitas dos meus irmãos. Carlos aparecia sempre que podia e trazia consigo Isabel, o Sol da minha vida. Era esta a maneira carinhosa que eu a tratava e a qual ela parecia adorar. Era Carlos quem, juntamente com o meu padrasto, cuidava dela durante a ausência da minha mãe. Ainda bem, pensava eu, que não suportava a ideia de vê-la sozinha em casa com aquele homem.

Carlos pudera então explicar a razão do seu retorno à pátria. Vinha avisar e convidar toda a família para o seu casamento com Cecília Bergreen, norueguesa, mas filha de mãe portuguesa. Fiquei extremamente surpreendida com a notícia, pois ele nunca me tinha revelado a seriedade do seu namoro. Mas nas suas repetidas visitas pude perceber o quanto a amava, apesar de nunca mo ter dito. Carlos nunca fora uma pessoa de grandes paixões. Em crianças eu era a sua grande confidente e, de realce apenas me recordo duma paixoneta por uma rapariga mais velha, andava ele no 7º ano. Alguns namoros sem importância é tudo que me consigo recordar e nunca tivera uma relação estável, na qual manifestasse o louco e volúvel carácter dos apaixonados. Via-o agora, passados tantos anos: o modo como se referia a ela, como a descrevia, como contava algumas dos seus episódios em comum. Vi-me diante da certeza de perder assim o meu irmão para sempre. Iria decerto ao seu casamento, em Outubro próximo, mas visitas regulares a um país tão afastado não era algo que me cativasse especialmente. Ficaríamos afastados pela distância, mas próximos pelo sentimento. Não quisera ainda apresentar a noiva à família e esperaria pelo casamento.

Quisera vir apenas para apagar a saudade e aproveitar os últimos tempos de solteiro. Mas as saudades que tinha dela começaram pouco depois da sua partida e começavam a reclamar um regresso rápido. Assim, pouco depois de eu me encontrar revigorada, não resistiu e partiu novamente para a Noruega, deixando para mim votos de muitas felicidades e convites para o dia mais feliz da sua vida.

Depois da sua partida, exigi à minha mãe que voltasse para casa para junto de Isabel. Estava completamente restabelecida e não existia razão para ficar, eu só queria voltar à minha vida normal mais rapidamente e se possível, tentar esquecer este passado trágico.

Foi nessa altura que Luís David voltou a visitar-me. Vim cumprir a promessa que lhe fiz, dissera ele. Pouco mais dissera sobre aquilo que supostamente o teria levado até ali, a continuação daquela nossa conversa. Conversámos acerca de tudo, menos sobre esse assunto e tudo o que se relacionasse.

Pude aperceber-me que a sua amabilidade e simpatia não eram passageiras, e o seu carácter honesto e franco que me haviam encantado manifestava-se ainda na sua maneira de ser. Não foi sem pena que nesse dia me despedi dele. Porque sentia que ele poderia vir a ser uma daquelas pessoas com quem nos damos sempre bem, um amigo para os bons e maus momentos. Mas a sua profissão e tudo o que sucedera impediam uma nossa amizade, que nunca seria bem vista por todos. Despedimo-nos assim com a certeza da impossibilidade de nos revermos.

Interrompo a narração por breves instantes porque ocorre-me que poderá surgir uma dúvida no temperamento romântico de alguns dos leitores. Seria apenas amizade o sentimento que me referia à pouco? A esta pergunta poso agora responder sem quaisquer receios de me afastar da verdade, sem dúvida. Nada mais queria de Luís David que uma

sincera e fiel amizade. Necessitava, sim, de um amigo! Alguém que me ouvisse, compreendesse, aconselhasse e apoiasse.

De Rodrigo, do seu amor e carinho, da sua amarga morte, acudiam-me frequentemente lembranças. Sempre fora mulher de amar apenas um homem, e nenhum outro poderia vir a preencher completamente aquele espaço vazio que ele deixara dentro de mim. Ainda hoje, guardo uma imensa saudade de todos os tempos em que estávamos juntos e felizes.

Coincidiu esta visita com o recomeço do meu trabalho no consultório. Tinha já saudades daquele local, da Mariana e da Carlota (a minha secretária e a sua assistente), da escrivaninha de madeira batida, e do próprio consultório, de longas cortinas, decorado ao meu próprio gosto. Do mapple onde recebia os pacientes que, sempre que necessário, se deitavam no divã que mandara fazer expressamente para este fim.

Tinha ainda saudades da Dona Josefina e dos seus problemas conjugais, cujo marido à muito não honrava o estado civil, do Dr. Eugénio Andrade, com os seus problemas de afirmação, entre tantos outros casos...Recentemente, recebera uma nova paciente, Catarina Viegas, uma jovem adolescente de 13 anos que vinha à procura de apoio psicológico que a ajudasse a suportar uma gravidez indesejada. O pai, um colega de escola, dependia dos pais para tudo e não possuía maturidade suficiente para reconhecer o próprio acto que haviam feito, e muito menos para criar um filho. Das famílias de ambos, não viria certamente a resposta. Se uma pecava pela severidade com que oprimia os filhos, levando-os à rebelião, a outra, acomodada, era indulgente em tudo, tentando ainda uma fuga airosa para aquele problema, que imaginavam não ser deles. Empenhara-me bastante neste caso, mas infelizmente, não pude assistir ao seu final. Durante o meu período de ausência, soube que a família da jovem tinha abandonado a cidade, arrastando-a ou tentando ocultar de todos a sua desgraça.

Cumpri as minhas muitas obrigações e embrenhei-me a fundo nos problemas dos outros, para esquecer os meus. Os dias foram passando e, com eles, regressava a monotonia duma vida estressada de cidade. Entre casa e consultório, aos poucos a vida voltava à normalidade.

Habituar-me à muito a ansiar pelas horas de almoço, período durante o qual eu fazia de tudo, menos almoçar. Um snack comprado ou feito em casa satisfazia-me. A quase totalidade do tempo que dispunha passava-a a vaguear pela cidade, pelas ruas, pelos jardins...Pelos locais mais ou menos movimentados que faziam as delícias duma alma pensante.

Foi numa dessas tentativas de evasão que reencontrei Luís David. Passava pela primeira vez no parque desde a morte de Rodrigo, imaginando quão diferente seria a minha vida se ele não tivesse morrido.

Não me tinha apercebido da sua presença, até que uma mão me tocou no ombro e eu virei-me, não assustada, mas sim curiosa.

- Boa tarde, Sara. Lembra-se de mim?

Que haveria de responder eu senão a verdade? Ficara muito satisfeita de o rever, passado tanto tempo desde toda a confusão. Pelo que entendi, ele também. E foi com menos surpresa do que prazer com que agradei e aceitei o seu convite para almoçar.

❧

Não digo que este convite não me surpreendesse. No entanto, surpreendera-me mais a prontidão com que o aceitei, sem pensar nas consequências que a minha resposta

positiva podiam trazer. Fomos a um restaurante típico, pequeno, mas bastante acolhedor. Após sentarmo-nos, ele perguntou-me como estavam a correr-me as coisas.

- Após tantos meses, acredite que estou bastante melhor. Mais receptiva, calma, até mesmo serena. Há custa de bastante esforço, mas consegui. Regressei em pleno à minha vida normal.

À sua pergunta seguinte, respondi com um sorriso.

- Não, nem tenciono. – eis uma frase verdadeiramente comum e inocente, que nada nos revela. Sem dúvida que o conteúdo da pergunta seria bastante mais interessante e revelador. Perguntara se já deixara o meu coração ser conquistado novamente. E com um sorriso rasgado, ouvira a minha resposta.

## II

Luís David é difícil de descrever. Vou tentar fazê-lo, para que o leitor tenha uma imagem mais ou menos nítida do homem que se encontrava agora diante de mim.

Bastante alto, moreno, estaria de folga, a julgar pelo ar descontraído e pela roupa que vestia. Estávamos em pleno mês de Julho e calor apertava, a temperaturas difíceis de suportar. Camisa, gravata, blazer, tinham sido substituídos por uma camisa colorida e calças de ganga, dando-lhe um aspecto bem mais jovial. Olhei bem para ele, para os seus olhos. Grandes, expressivos, de um verde acastanhado, que faziam lembrar... O que faziam lembrar? Os cabelos escuros, curtos e naturalmente ondulados, deixavam-lhe na fronte algumas madeixas de cor clareada pelo sol. O nariz não tinha uma curva que o desfavorecesse, e os lábios, eram um tanto grossos e encrespados num sorriso, entre o irónico e o afectuoso. Não podia ser considerado bonito. Era um homem como muitos outros, que se não fosse a sua maneira de ser cativante possivelmente teria passado despercebido para mim.

Que diferença existente entre ele e o falecido Rodrigo! Rodrigo sempre fora muito bonito, tinha algo de diferente, uma beleza suave. Tinha vinte e cinco anos e uma confiança controlada e de boas maneiras. Havia nele um certo ar de prosperidade, temperado pelo desejo do sucesso. Feições serenas, ligeiramente fleumáticas, cabelo louro escuro, penteado para trás, a ligeira implantação da boca gravavam-lhe finas rugas na face. Os olhos pequeninos, cor de noz, semicerravam-se quando ele falava, como se quisesse passar despercebido, mas enrugavam-se também num sorriso completamente cativante.

O que me atraiu nos dois? A serenidade. Plácida em Rodrigo, exultante em Luís David.

O almoço prolongaria-se pela tarde dentro se, ao olhar não me tivesse dado conta que estava atrasadíssima. Agradei-lhe o almoço, desejei-lhe um bom dia e saí do restaurante quase a correr.

Talvez tivesse ficado tudo por aqui, se não fosse ele telefonar-me nessa mesma noite, agora sem apresentar qualquer tipo de desculpa.

- Como consegui o meu número?- perguntei, ao perceber de quem se tratava. Mas nesse mesmo instante, apercebi-me da falta de necessidade da pergunta. "Que estúpida!", pensei. Ele é polícia, consegue saber tudo...

Esta fora a minha primeira bacorada na nossa conversa. Infelizmente, a segunda foi ainda menos feliz.

- Tem alguma razão especial para ter telefonado assim de repente?- novamente a minha mente insultava-se a si mesma, ou talvez (quem sabe?) ao meu estovado coração.

- Precisaria de uma razão especial?- foi a sua resposta. Imaginei a sua expressão ao dizê-lo. O sorriso entre o trocista e o afectivo com que brindava cada ocasião, parecia desenhar-se diante dos meus olhos.

Decidi então enveredar pelo caminho correcto de uma conversa minimamente normal. Perguntei-lhe se a razão do telefonema repentino, se devia a ter surgido algum problema na investigação da morte de Rodrigo. Devo tê-lo apanhado de surpresa: a princípio, com uma timidez ou introversão notórias, balbuciou algumas desculpas. Mas ao verificar que não tinha uma única desculpa plausível, resolveu confessar. Mais directo não poderia ter sido.

- Necessito de a ver novamente. Podemos almoçar amanhã no mesmo restaurante?

Um pouco apanhada de surpresa, foi a minha vez de gaguejar algumas palavras sem nexo. E novamente a minha mente foi traída por algo mais poderoso que insistia tomar conta de mim. Sim foi a minha resposta.

Esperei ansiosa tal encontro. Por mais de uma vez perguntara-me a razão dum procedimento tão fora do comum, a qual expliquei por falta de companhia- a eterna solidão. Afirmei já, a minha necessidade de alguém que me compreendesse e apoiasse. Teria surgido tal pessoa? Imaginava poder vir a considerá-lo mais que um amigo, pois amigos tinha já muitos. Não, precisava de um confidente. Uma daquelas pessoas a quem oferecemos o coração não para amar e ser amado, mas para desanuviar as nossas tristezas e mágoas, ou partilhar sonhos e vitórias.

Imaginava que Luís David fosse uma daquelas pessoas que tudo ouvem e nada pedem em troca. Foi com essa intenção que me encontrei com ele novamente. Eu tentava com isto apagar alguns fantasmas que surgiam do passado para assombrar a minha vida. Talvez estivesse a ser egoísta, pois só me lembrava dos meus problemas e do que eu esperava de Luís David. Esse é um dos meus maiores defeitos, quando esqueço de tudo o resto e lembro somente os meus dramas e as minhas mágoas.

Pouco passava do meio-dia quando me dirigi ao “Segredo”. Era um restaurante na Baixa, pequenino, acolhedor, e onde fôramos excelentemente bem servidos. Quando cheguei, já Luís David se encontrava sentado. Esperava vê-lo como sempre: jovial, sorridente, alegre. As mesmas expressões de felicidade que sempre tinha visto nele.

Mas quando me acerquei da mesa, fui encontrá-lo com uma expressão bem diferente. Séria, quase carrancuda, mas sobretudo triste. Nos olhos viam-se umas olheiras tão pronunciadas que anunciavam uma noite inteira de insónias, e mesmo estes encontravam-se de tal modo vermelhos que posso quase garantir que passara a noite a chorar.

Quando olhei para ele, assim de perto, esboçou um ligeiro sorriso.

- Boa tarde, Sara. Obrigado por ter aceite o meu convite tão prontamente. Está com um óptimo aspecto, como sempre.

Tinha colocado um curto vestido florido e cintado, daqueles que ficam bem a qualquer mulher ou ocasião. E eu, que não costumo maquilhar-me para nada, colocara alguma cor nos olhos e um bâton colorido, vivo. Tinha apanhado os longos e ondulados cabelos escuros num volumoso rabo de cavalo, prático e adequado à toilette.

- O mesmo não posso dizer de você - dissera ao sentar-me. Ele pareceu então dar-se conta do terrível aspecto que apresentava e alargou o sorriso de tal modo que nem as olheiras nem as rugas precoces se notaram mais. - Assim está melhor.- acrescentei ao verificar a mudança. Chamei o garçom e perguntei- Podemos encomendar?

Luís David respondeu com um ligeiro gesto. Eu fiz o meu pedido e, como ele ainda encontrava-se um pouco alienado, o dele também. Não conseguia deixar de pensar em qual teria sido o problema que tinha deixado o meu mais recente amigo naquele estado. Dei então por mim a perguntar-lhe esta mesma pergunta, à qual ele respondeu, com um sorriso nos lábios e um brilho no olhar.

- Desculpe-me, sim? Quem diria que sou um lamechas... Que não consigo aguentar uma das piores noites da minha vida sem ir-me abaixo completamente. Penso que se tivesse tido a compreensão de um amigo, tudo fosse diferente. Ou mesmo de um especialista...- quando disse estas últimas palavras pareceu hesitar um pouco. Mas de seguida continuou- Deve estar a imaginar porquê a chamei aqui. Você é psicóloga, não é? Pois pode cobrar-me o que quiser, que eu preciso urgentemente de desabafar com alguém. Se você soubesse...

Sim, se eu soubesse o que lhe ia na alma! Se imaginasse que ele, muito mais do que eu, necessitava de um amigo, de uma palavra simpática, de um confidente que o apoiasse...Dispus-me aí a deixar de lado todos os meus problemas para partilhar os dele, que, a julgar pelo seu aspecto, seriam bem mais graves. É uma longa história, dissera ele. Não faz mal, respondi. Tinha tirado a tarde de folga.

- Começou tudo à alguns anos, as vou tentar ser o mais breve possível. Fui casado durante quase cinco anos com a mulher dos meus sonhos. Sabes como é, aquela pessoa que imaginamos ser a nossa alma gémea, a cara metade? Pois eu conheci a Maria João ainda na adolescência, e já nessa altura ela era espectacular. Sempre me imaginara casado com ela, sendo ambos felizes para sempre. Loira, de olhos azuis, elegante, deslumbrante. Aquela maneira de ser, quase ingénua, completamente irresistível. Deixava todos os rapazes que a conheciam loucos, mas foi a mim que ela escolheu. Apaixonei-me.

Era pois, uma confissão apaixonada a que ele me fazia. Continuei a ouvi-lo, ainda que não pudesse evitar sentir uma certa inveja por aquele amor tão intenso como me era dado a conhecer.

- Não foi difícil conquistá-la. Ela sempre tivera um fraquinho por mim. Alguns anos depois, quando saí da faculdade, casámos. Esse foi o dia mais feliz da minha vida. Ela estava linda, num vestido branco imaculado, que lhe assentava tão bem! – era com uma incrível saudade que ele recordava estes pormenores. Mas uma triste expressão de desalento crescia-lhe no olhar à medida que progredia na sua história.

- Os primeiros seis meses foram maravilhosos! Passámos a lua de mel no Sul de França, num verdadeiro sonho. Aos poucos, fomos entrando numa rotina prazenteira. Ela estava desempregada, eu começara a trabalhar na polícia. Tudo corria bem até que, passado algum tempo, a paixão amornou. Ela, arranjava emprego numa multinacional e passava grande parte do tempo a viajar. Depois de três anos de casamento, chegámos ao cúmulo de eu apenas a ver durante dois fins de semana por mês. Isso impedia-nos até de concretizar um velho sonho, crianças. No entanto, agora sei mesmo isso não era impossível. Ela não as queria, nem nunca quisera. Estragava o seu belo corpo e a sua elegância, disse-me. Eu já não sabia o que fazer então.

Luís David fez aqui uma pausa. Respirou fundo, como para ganhar coragem para a restante confissão. Eu aproveitei para digerir o que já ouvira. Até aqui, parecia semelhante a muitas outras histórias. Só não conseguia perceber se ele ainda amava aquela mulher ou se o seu grande amor já se apagara. Devo ter esboçado um ligeiro sinal de impaciência, pois ele sobressaltou-se, indeciso entre continuar ou parar.

- Então, e o resto? Não acabou, pois não?- fui obrigada a perguntar-lhe, impaciente.

- Claro que não. Espero não te estar a maçar...

- Já ouvi relatos mais longos e mais chatos, sem que conhecesse minimamente as pessoas que os faziam. Neste caso, estou bem mais interessada: trata-se da vida de um amigo.

- Obrigado, Sara. Bem, não sei como o nosso casamento subsistiu ainda por mais dois anos. Penso que os momentos que ainda estávamos juntos, eram ainda perfeitos, e foi isso que nos manteve ligados durante tanto tempo. Nunca duvidara do seu amor por mim. Ela amava-me, decerto, e provava-o nesses momentos. Foi por isso que, passados quase cinco anos de casamento, quando me disse que tinha sido despedida da multinacional (não sei até hoje qual a razão), pensei que tudo entrasse nos eixos. Enganei-me redondamente. Passado muito pouco tempo, sem dar-me qualquer explicação admissível, pediu-me o divórcio.

Deve conseguir imaginar como me senti- olhou então para mim, apelando com o olhar a uma certa comoção que eu já sentia, só de ouvir a sua história. Via-se que estava tão tenso e desolado como se tudo tivesse sucedido naquele momento.- Fiquei completamente desorientado, desolado, sem mesmo saber o que fazer ou pensar.

Dirigiu-se-me então directamente: - Acha que aguentaria se soubesse que a pessoa que amava já não conseguia viver consigo?

Era com certeza, uma pergunta retórica, pois não esperou uma resposta de minha parte e continuou:

- Isto que lhe contei agora passou-se algum antes de nos conhecer-mos, antes daquele dia do temporal. Por essa altura já estava mais conformado , quase recuperado. – continuou- Apesar de continuar com uma grande mágoa no coração, causada sobretudo porque a Maria João não tinha ainda dado uma única explicação para o seu procedimento. Tudo se passara de um modo tão rápido que quase não tivera tempo para pensar. Tudo se encadeava, tal qual uma corrente da qual não conseguia me soltar. Um dia, disse-me que ia pedir o divórcio. Logo de seguida, saiu de casa, contactou os advogados e em menos de uma semana tinha sido formalmente notificado. Fiquei então a saber por um conhecido que ela encontrava-se com outro homem há já bastante tempo. E quando a confrontei com isto, simplesmente disse-me que estava apaixonada.

Decerto que toda esta revelação estava a ser muito dolorosa para ele. Podia jurar que uma outra lágrima recomeçara a enevoar o seu olhar. No entanto, como se não tivesse apercebido, levou o garfo à boca e mastigou calmamente, inquirindo-me com um olhar. E acrescentou:

- Não deve saber, decerto, o quanto custa ouvir isto duma mulher. Não irei esquecer o modo como o disse. Orgulhosa, segura, quase radiante! As suas palavras, “Desculpa se te fiz ou vou fazer sofrer. Mas pela primeira vez na vida, acho que me apaixonei verdadeiramente!”. Foi duro demais ouvir isto, Sara. Eu apaixonara-me por ela à mais de cinco anos!

Suspirou novamente e olhou fixamente para mim.

- É uma triste história essa, David. Conseguiu comover-me. – à algum tempo que uma lágrima teimosa teimava a rolar na minha face.

- Agora, pouco mais à a contar. Conhecia-a, e aos poucos fui esquecendo tudo...Até ontem, quando fui notificado do final oficial do meu casamento.

Então tinha sido isso! Eu sabia que haveria uma razão para aquela tristeza súbita.

- Quase.- retorquiu ele.- O divórcio eu já esperava à muito tempo. O que eu não esperava era a traição. A gota de água que transborda o copo, como costumam dizer.

Olhei para ele, intrigada. Havia algo nele que ele ainda não revelara, bastante grave até. A sua expressão facial nada me dizia, mas novamente aquele olhar... Subitamente, tornara-se frio, violento, de uma frigidez assustadora.

- O que quer dizer, David?

- Ela, a Maria João. Ontem, depois de ter sido notificado e te ter telefonado, telefonou-me para casa. Queria convidar-me para o seu casamento. – a voz dele transpirava agora uma pura indiferença - Só então soube que o noivo era meu amigo. Nunca imaginara que o Sérgio, o meu melhor amigo na adolescência, e com quem sempre partilhara as maiores confidências, até as que a envolviam a ela, me viesse a fazer uma coisa destas. Pareceu-me que tudo o que eu acreditava desabou, percebe? Primeiro, a João, depois o Sérgio?... Quem mais me falta desiludir? Talvez eu próprio. Desanimador, não é?

### III

Todas as pessoas mudam. O que dizemos hoje, podemos já não o sentir amanhã. Quem diria? Nunca, nem por breves momentos, imaginei que Luís David fosse encontrar-se comigo nesse dia para me fazer este manifesto. Assim como não me imaginaria a dar-lhe os conselhos que então dei. Foi a partir desse dia que construímos uma sólida amizade. Era mais que justo: ele conhecia a minha vida, eu a dele, precisávamos ambos de conviver e afogar as mágoas.

Assim, começámos a encontrar-nos regularmente. Ambos sós ou abandonados, quando estávamos juntos o prazer de nos divertirmos era superior ao sofrimento por qual passámos. No primeiro dia, convidou-me para ir ao cinema. “Que tipo de filmes gosta?”, perguntara. De tudo um pouco, respondi eu. Não sou esquisita, gosto imenso de comédias, dramas, filmes de acção ou suspense. Só não aprecio filmes que apresentem praticamente 100% de violência.

Levou-me então a ver uma comédia, daquelas para rirmos sem parar. A versão feita por um cineasta conhecido no género, de um livro de aventuras ainda mais famoso. Foram imensas as gargalhadas que partilhámos com os outros espectadores. O dia não podia ter corrido melhor, pensei quando ele me levou a casa. Nesse dia não falámos mais sobre o assunto- fora esquecido, para meu júbilo. Apresentara sempre o habitual sorriso de orelha a orelha, sempre alegre. Deixou-me à porta do prédio e partiu para a esquadra, pois recomeçava a trabalhar no dia seguinte.

Passada uma semana inteira de preocupações e problemas, felizmente nenhum deles meu, telefonou novamente.

- Preciso desabafar, Sara. Quer ir novamente ao cinema amanhã?

Como eu podia recusar um pedido que mais se assemelhava a uma súplica? Fui, claro. O filme prometia ser interessante. Óptimas críticas, os melhores Óscares da Academia... Era um drama histórico em que tudo parecia perfeito. E nos deixava até com lágrimas nos olhos. Pelo menos foi o que pensei à saída, ao olhar para a vermelhidão dos olhos dele. Parámos num pequeno café, onde tomámos um sorvete cada um. Ele não parecia conseguir se abrir comigo, mas ao mesmo tempo não conseguia sequer colocar uma máscara menos tristonha.

Eu nada disse. Não queria obrigá-lo a contar-me nada que ele não quisesse verdadeiramente. Até que ganhou coragem e disse bem baixinho, enquanto olhava fixamente para a mesa e brincava com o copo plástico que tinha nas mãos.

- Amanhã é o casamento da João.

Percebi logo o que quis dizer, e a razão de toda aquela tristeza. Ainda não a esqueceu, pensei. Não sei onde fui buscar forças e energia para o apoiar nesse momento. Nem sequer me recordo do que disse, mas o certo foi que, quando nos levantámos da mesa, fê-lo com melhor disposição e quase lhe notei um ténue riso.

Nessa noite, tentei imaginar no que estaria ele a pensar. Ou naquilo que faria no dia seguinte, sabendo o que estaria a acontecer num local não muito longe dali. “Preciso animá-lo, custe o que custar.”, foi a minha decisão. Num ápice, peguei no telefone e liguei-lhe. Deve ter ficado muito surpreendido, mas aceitou o convite que lhe propus.

□

Era Domingo e encontrámo-nos bem cedo, por volta das nove horas da manhã. Ele tinha olheiras de quem passou grande parte da noite em claro, e o seu aspecto, quer exterior, quer interiormente, não era dos melhores. “O melhor remédio contra a depressão é a alegria”, apostolava também o meu sábio professor. Iria naquele dia verificar se a afirmação se justificava, testando-a.

Percorremos a pé parte da cidade, mas a caminhada fez-nos bem. Ajudava a aliviar os problemas e a tensão, e a recuperar o espírito. Animava também o apetite, pois dali a poucas horas parámos numa pastelaria para um lanche reforçado.

- O que está a achar do convite?- perguntei.
- Muito cansativo. Vai ser assim todo o dia?
- Isso é surpresa! Diga-me, à muito tempo que não vai à Feira Popular?
- À bastantes anos, creio eu.

- Não sabe o que tem perdido, é o máximo! Adoro sobretudo o túnel fantasma. As escuridão, as sombras, os rasgos de luz... Os movimentos, os gritos estridentes e histéricos, os ruídos misteriosos. Hoje não falha, decerto.

- Sempre pensei que fosse mais do estilo “Carrossel de póneis”- atirou-me, juntamente com um dos seus típicos e irónicos sorrisos. Era um bom sinal, de que ele estava a retornar à normalidade. Mas não resisti:

- Não, costumo deixar esses divertimentos para as criancinhas, crescidas ou não, que não conseguem deixar de chorar, quando o dia deveria ser alegre...

Todo o dia foi passado assim. Almoçámos na feira, percorremos todas as diversões. Luís David até ganhou cinco peluches nas casinhas de tiro: Um urso, um cão, um coelho, um pinto, que ficaram para mim, e um patinho, que ele preferiu, já que lhe fazia lembrar ele próprio. O saldo do dia não deixou de ser positivo, apesar de não lhe ter conseguido retirar aquela ideia da cabeça. Mas alegrava-me o facto de ter conseguido com que ele não pensasse *apenas* no casamento dos outros. Eram poucos, mas notavam-se alguns progressos.

Tanto foi assim, que não me surpreendeu o convite para ir novamente ao cinema na semana seguinte. Desta feita, o filme era uma comédia romântica, uma daquelas que não dispensa um final feliz. O clássico: dois jovens conhecem-se, ficam amigos, apaixonam-se, separam-se, mas conseguem ficar sempre juntos no final da história. A atriz era uma das minhas preferidas, e o companheiro era também bastante interessante.

Luís David pouco falou nesse dia, pois encontrava-se muito pensativo. Parecia observar-me com uma certa atenção. Tentei conversar com ele, mas sem grandes resultados. Apenas me respondera que corria tudo bem no trabalho e que não tivera mais notícias da ex-mulher, mas parecia um tanto preocupado. Preferi não fazer mais comentários e pedi para deixar-me em casa. Antes de o fazer, despediu-se de mim com uma pergunta: Gosta de ópera?

Estes encontros com o Luís David começaram quase a fazer parte da minha rotina semanal. Uma, ou mesmo duas vezes por semana, ele telefonava, convidava-me para sair e eu aceitava. Cinema, teatro, levava-me um dia a assistir a um concerto da Maria João Pires. Ou então, uma pausa para almoçarmos juntos a meio do dia, ou um jantar para acabar a noite. Acho que a minha vida social nunca tinha sido tão intensa.

E durante todos esses encontros, que de tão repetidos ameaçavam tornar-se monótonos, conversávamos, entretínhamo-nos mutuamente, confessávamos as mágoas, prazeres, receios, sonhos... Luís David ia aos poucos retomando a jovialidade e a segurança que lhe eram normais. O seu olhar melancólico e vazio das últimas semanas dispersara-se para dar lugar a um brilho esverdeado que enchia os olhos e o coração. Não mais dissera o nome da ex- mulher; sempre que dela falávamos referia-se a ela como “a minha ex- mulher”, “a minha ex.”, “ela”... Parecia feliz.

✕

Por outro lado, eu guardava de Rodrigo uma ténue e apaixonada lembrança, e muita saudade de tudo o que fôramos um para o outro. Tinham passado mais de seis meses sobre a morte dele e, tão subitamente quanto necessário, senti uma estranha vontade. Nunca tinha ido à sua sepultura e sentia a necessidade adiada de me poder despedir convenientemente.

O funeral tinha sido realizado enquanto eu ainda me encontrava hospitalizada e nunca arranjava coragem suficiente para ver a sua sepultura.

Nesse Domingo então, assisti à missa da paróquia mais próxima e encaminhei-me para o cemitério. Lembrei-me nitidamente das feições de Rodrigo em vida. Contrapunha essa imagem com a que tinha visto no dia da sua morte e agora, com a da sua campa. Imóvel, estática, gélida, fantasmagórica até. Um pouco abandonada, talvez. Depositei nela o ramo de flores que tinha trazido e chorei. Chorei por Rodrigo, por mim, por Luís David...Lágrimas de dor, de pena, de desespero, de mágoa, de saudade. Libertei o sofrimento que tinha recalcado dentro de mim.

Ali passei toda a tarde, mas saí com a sensação de que nada mais havia a dizer. O tributo a Rodrigo, que deveria ter sido efectuado imediatamente após a sua morte, fora finalmente realizado. Assim como a gratidão que agora lhe tinha era imensa. Ainda não esquecera que poderia ter sido eu a ficar ali, sob toneladas de terra e areia sobre mim, por toda a eternidade. Obrigado por tudo, Rodrigo. Pelo amor que demonstraste, pela alegria que transmitiste, pela vida que me salvaste. Tenho pena que não estejas aqui para recordar os bons momentos, mas decerto, não estarás pior. Talvez aí se possa sentir a liberdade que nem sempre se sente aqui na Terra.

Com um aperto no coração, dirigi-me para a saída. Uma calma interior invadiu-me o corpo e o espírito, dando-me uma sensação de paz. Cansada, dirigi-me a casa, petisquei algo no frigorífico e acabei por me deitar, passava muito pouco das sete da tarde.

*Quarta (e ultima)  
parte*

Poucos dias depois, surpreendeu-me a visita de minha mãe e da Isabel.

- Cheguei a pensar que tinhas adoecido novamente. Já imaginaste que há meses não telefonas, não escreves...

- Mãe, você sabe muito bem que eu...

- Andas muito ocupada, claro. É a mesma desculpa de sempre! Mas para andar por aí a passear e a sair com outros homens parece que arranjas tempo!

Então era a esse propósito que vinha a visita! Eu sabia que minha mãe não dava nunca ponto sem nó, e vinha a minha casa recriminar-me por eu ter saído algumas vezes com o Luís David. Mas agora, ia dizer-lhe o que pensava dela, ia dizer-lhe que não se metesse na minha vida! Ia...

- Sara, eu sei que não sou a pessoa indicada para te aconselhar ou estar a dizer isto, mas penso que é preferível que o saibas da minha boca. Digas o que disseres, sou tua mãe e preocupo-me contigo, ou com o que possam dizer de ti. – fez aqui uma ligeira pausa, após ter impedido a minha impetuosidade – No outro dia, encontrei-me com a mãe do Rodrigo. E nem imaginas o que me disse! Não sei até que ponto ela tem razão, mas não só te censura pela morte dele, como anda por aí a espalhar que nunca mereceste o amor do filho e que andavas a vadiar com outros. Imagina que ela até me disse que tinha a certeza que o traías ainda em vida!

Conseguirão imaginar a minha indignação ao ouvir estas palavras? Claro que não. Mas ela foi liberta quase em completo para cima da minha mãe, que viu-se obrigada a sublinhar que estava meramente a repetir o que tinha ouvido. A minha revolta tornara-se demasiado grande para eu a conseguir expressar. Não imaginava como era possível que a mãe daquele que eu amara tanto, que não só me tinha aceite como tratado bastante bem, começara a ressentir-se de eu estar ligada à morte dele e, conseqüentemente, a inventar histórias?

- Estou inocente, mãe, e sabe-o. Assim como todas as pessoas de bom senso não irão nunca duvidar de mim. Sim, é verdade que não tenho ficado em casa como uma santa, mas também é preciso salientar que os outros nada têm com isso! Primeiro, porque a opinião dessa senhora sinceramente já deixou de ter qualquer sentido para mim. Passou imenso tempo desde esse dia fatídico, mas não posso estar a reviver sempre o passado. Não tenciono entrar para um convento, mas sim refazer a minha vida, de preferência com alguém a meu lado.- Tinha desabafado grande parte do que sentia, mas ela tinha ainda uma última palavra a dizer.

- É natural que queiras refazer a tua vida – disse-me – mas talvez pudesses ter mais cuidado. Não é preciso magoar aqueles que gostam de ti.

Após ouvir isto, fui obrigada a sufocar dentro de mim a voz (desta vez com razão) que tentava se libertar. Afinal, podia ter-lhe dito que ela própria tinha actuado do mesmo modo, ou até mesmo pior. Mas o bom senso foi bem sucedido ao evitar que me pronunciasse sobre aspectos tão delicados que eu sabia que iriam ferir profundamente a minha mãe. Deixei-a, ao invés disso, desabafar, e sair com a sensação de que tinha desempenhado bem o seu recente papel de mãe e conselheira.

Mas no íntimo, via-me obrigada a reconhecer que a minha mãe tinha razão em algumas das coisas que apontara. Valeria a pena continuar-me a enganar, afirmando que nada sentia por ele excepto amizade? Ou pelo contrário, valeria a pena tentar arriscar-me a tentar decifrar aquele complicado sentimento que eu passara a sentir por Luís David, e que só sabia não ser meramente amizade? Imaginava-me a tentar algo mais sério, uma tentativa de aproximação, talvez, e a acabar por perder o meu companheiro dos últimos tempos, cuja companhia se me tornara indispensável. Seria amor o que eu sentia? Nem mesmo após muito pensar conseguia responder a mim própria.



E foi num desses momentos de indecisão que surgiu o convite. Um programa espectacular: um dos maiores tenores do mundo ( e o meu preferido) viria a actuar no nosso país devido ao aproximar-se da exposição mundial. Por imensos dias ansiei tal noite; Luís David tinha, não sei como, conseguido bilhetes para o concerto à muito esgotado, e a ocasião merecia um tratamento especial. Queria ir deslumbrante nessa noite e, para isso, era indispensável renovar parte do meu desactualizado guarda-roupa. Pensei em ir ao centro comercial, mas depressa mudei de ideias. A baixa, com o seu casario antigo e lojas de renome, proporcionavam uma ocasião difícil de desperdiçar. Isso par não dizer que ficava bem mais perto do consultório. Convidei a Júlia para ir comigo e me ajudar a escolher, mas não podia me acompanhar. Posso dizer que quase passei um dia inteiro de loja em loja na esperança de que algo que visse me agradasse.

Não foi sem dificuldade que encontrei algo propício à ocasião e do qual me pudesse orgulhar. Tussaud's, Renour, Taihi, todas foram vasculhadas e reviradas até ter encontrado o vestido. Não o vou descrever, pareceria de mau gosto e mesmo que o quisesse, penso que não o conseguiria. Só posso afirmar que era lindo! Quando chegou a hora, pedi a Júlia que me ajudasse como só ela conseguia fazer. É sempre bom ter uma amiga que é cabeleireira e maquilhadora.

Quando chegou para me vir buscar, verifiquei que também Luís David se tinha esmerado na indumentária. O esverdeado dos olhos parecia ainda mais brilhante sob a luz ofuscante da entrada. Olhava para ele e sentia-me orgulhosa: continuava com a mesma expressão de complacência e doçura que lhe eram características, mas agora ambas tinham sido sobrepostas pela delicadeza do seu gosto e elegância das suas atitudes. Dizer que a noite foi inesquecível é pouco. Se não estivesse bem acordada, diria que tudo tinha sido um sonho tornado realidade. Penso que terá sido uma das coisas que mais se assemelham à felicidade completa.

Querem saber o que aconteceu? Não pensem que vou revelar. A imaginação é uma característica humana que na maior parte dos indivíduos tem de ser estimulada. O que posso então dizer? Que ele me fez sentir uma mulher feliz. Não só porque o programa para a noite era mais que prometedora, mas porque a companhia me agradava. Luís David portou-se nessa noite com um autêntico cavalheiro, daqueles que fazem sentir uma mulher cada vez mais especial. Cada vez mais sentia a sensação estranha que me estava a apaixonar por aquele homem, num sentimento de um modo como não me recordo se alguma vez teria sentido algo semelhante.

Queria tentar perceber se sucederia o mesmo a ele. Podia ter tentado descortinar quais os seus propósitos em relação a mim, observando as suas atitudes nessa noite. Mas devem concordar comigo, quando afirmo que esta perderia, pelo menos metade do seu encanto, se ocupasse o meu espírito com tais averiguações.

A vida pode ser realmente bela se nos dispusermos a vê-la de um modo bem diferente do usual. E quando relembro o seu olhar quando sorria... Nessa noite, posso garantir que fomos ambos felizes.

Por isso, não devem estranhar aquilo que vou contar a seguir.



Não hesitei quando, ao ir-me pôr-me a casa, o convidei para entrar e beber alguma coisa. Aceite o convite, acompanhou-me até à porta do apartamento. Aí, e quando eu me preparava para abrir a porta, puxou-me o braço e impediu-me de o fazer.

- Talvez afinal isto não seja uma boa ideia, Sara. Ambos sabemos como a noite iria acabar se eu entrasse contigo, e eu não quero acabar com a magia desta noite.

Fiquei surpresa com a sua reacção, claro. Não a esperavam depois de tudo o que passáramos e fizemos juntos. Apercebi-me de que podia estar a enganar-me quanto aos seus sentimentos por mim e comecei a sentir-me vexada. Mas ao abrir a porta, quando ia-me despedir, sem ressentimentos, fui completamente surpreendida quando me puxou para junto dele e, muito carinhosamente, me beijou apaixonadamente. Quando me libertou daquele enlaço apertado, soprou-me muito baixinho ao ouvido, de um modo quase imperceptível:

- Sabes, Sara...Tu não estás a ser justa comigo. A última coisa que eu queria era apaixonar-me novamente. Mas agora, cada vez estou mais convencido que é demasiado tarde...

Beijou-me novamente, um beijo de despedida, suave, carinhoso, um breve toque de lábios. E afastou-se, deixando-me confusa, perdida, sem saber bem o que fazer ou pensar.

## II

Nessa noite, deitei-me serena e feliz. Agora que sabia ser correspondida, algumas das minhas maiores dúvidas dissipavam-se. Claro que ainda não tinha raciocinado sobre o que acontecera. Não, limitara-me a não pensar em demasia no assunto, por medo de me vir a arrepender.

Durante os dias seguintes nada mais soube dele. Não aparecia, não telefonava, nem dava quaisquer sinais de que pretendia repetir a experiência. Começava a ficar preocupada e a questionar-me, de que teria tido para ele a importância que eu lhe atribuíra? A maior parte das dúvidas dissiparam-se quando, dentro de alguns dias, me procurou. Apareceu no meu consultório inesperadamente e, como não tinha dito o nome à secretária, ficou ainda bastante tempo à espera que eu acabasse de ver (ouvir) os meus pacientes.

Quando entrou e se sentou na minha frente, não deixou tempo para que expressasse minha surpresa e júbilo ao vê-lo ali.

- Pode agora atender este seu mais recente paciente?- perguntou-me com um sorriso sarcástico.

- Quando aceito um novo paciente, demoramos no mínimo uma semana de sessões só para preencher a sua ficha. Estaria disposto a isso?- retorqui mesmo tom irónico. Mas logo a seguir assumi uma maior severidade.

- Pensei que me tivesses esquecido- disse-lhe- Não telefonaste, não me procuraste. Começava a ficar realmente muito preocupada...

- E tiveste muito tempo para pensar o que aconteceu, não foi? – a sua voz estava também modificada, e a sua atitude alterada. Levantou-se da cadeira, e dirigiu-se para a janela panorâmica com um ar bastante retraído. Parecia preocupado. Sempre de costas para mim (talvez para evitar o meu olhar que se encontrava fixo no dele) , Luís David perguntou-me se ainda demoraria muito mais.

Como já tinha acabado o meu trabalho naquele dia, acabámos por sair para jantar. Ele mantinha uma atitude discreta e reservada e pouco dizia. Cansada de esperar por aquilo que já imaginava que ele iria dizer quando finalmente arranjasse alento, resolvi ser directa.

- David, afinal o que se passa? Custa assim tanto dizeres que aquilo nunca deveria ter acontecido? Que devera ser esquecido para que possamos continuar amigos?

Pareceu ter sido surpreendido com a minha frontalidade. Olhou-me então fixamente nos olhos e respondeu-me.

- É realmente isso que pensas e sentes? Que não existem sentimentos entre nós?

Teria sido somente a minha imaginação que me queria enganar, ou os seus olhos embaciaram-se e a voz tremeu quando disse estas palavras?

- Pensei que fosse o que querias. – respondi.

- Então enganaste-te, Sara. Custou-me a admitir que, após de tudo o que tentei para o evitar, que esteja a apaixonar-me novamente. E por ti.

Serão estas as doces palavras que qualquer mulher ambiciona ouvir toda uma vida? Porque o significado de palavras como amor, ou paixão, torna-se mais importante quando se descobre não serem unilaterais. Seria verdade que a vida me concedia assim uma nova oportunidade de refazer a minha vida e ser feliz?

Mas deixei-o dizer tudo aquilo que tinha para falar. Continuou por dizer como a sua vida tinha se modificado desde que me conhecera, que muito poucas eram as vezes que se sentia tão mais à vontade do que quando estávamos juntos, que eu conseguira levantar-lhe o moral e lhe dava forças para continuar. Que gostava imenso da minha companhia, que se tinha tornado mais feliz e receptivo à medida que me conhecera, e que já não se imaginava em a minha presença, dócil e leve, a seu lado.

Não conseguirão imaginar nunca a minha felicidade ao ouvir estas palavras, assim como eu não a consigo aqui expressar! Os meus horizontes abriam-se tanto que só imaginava que não iria conter tamanha felicidade...

40

- É por isso que me custa assim tanto separar-me de ti e esquecer tudo...

Quando ouvi isto, pareci ter acordado novamente do doce entorpecimento em que mergulhara. Ele não o podia ter dito da pior maneira...Não poderia tão facilmente ter conseguido arrancar uma fracção de mim, se o tivesse feito de propósito.

- O quê?- foi somente o que a minha voz trémula e abafada conseguiu expressar.

- Vou-me embora, Sara. Para a América...E não devo voltar tão cedo, foi a sua resposta. Que eu ouvi, alheia a tudo o mais que não fosse esta voz pausada e séria. Mas contive a emoção que guardava dentro de mim, para que me pudesse expressar.

- Não voltas? Porquê esta viagem repentina, logo agora? Ninguém decide assim algo de tão sério, de um momento para outro!

- Nisso a culpa é exclusivamente minha, pois reconheço que fui bastante injusto contigo, desde o momento em que nos aproximámos. Penso nunca ter imaginado que tudo se tornasse tão sério. Um erro fatal...- fez uma breve pause para tomar algum fôlego. - A verdade é que tenho esta viagem marcada há já bastante tempo, quase desde a altura em que nos conhecemos. Faz parte duma bolsa de estágio que me foi concedida. Vou passar alguns anos a percorrer esquadras de cidades norte-americanas para aprender novos métodos e técnicas melhoradas.

Nem lhe respondi, não valeria a pena. Ele ainda não me tinha respondido ao que eu perguntara, e eu estava demasiado magoada para perguntar o que quer que fosse.

- Deveria ter-te dito logo no início, percebo bem a tua reacção. Mas de início, quando eu próprio fiquei a saber, não pensei que nos viéssemos a tornar tão íntimos e não vi a necessidade de contar a ninguém. E não pensava rever-te... Depois, quando nos reencontrámos, não me lembrava sequer que a data estava a aproximar-se. Quando me dei conta, e verifiquei que não nos iríamos separar sem imensas saudades, já na altura dolorosas, pensei em afastar-me para não sofrer mais. Como vês, aqui estou eu, a abrir o meu coração. Mas a separação é agora inevitável e imediata, daqui a doze dias viajo para Orlando, na Florida. Venho me despedir de ti, Sara...

- Parece que não vale a pena zangar-me contigo e esperar que mudes de ideias. - porque eu sei o quanto é difícil vencer na vida. Costumou-me bastante conseguir vencer por mérito próprio, sem ter contar com os cordelinhos que podiam meter por mim. O lugar na psicologia, embora ainda não muito importante, que aos vinte e sete tinha conseguido, não fora obra de ninguém, apenas minha. - Tens tudo decidido e planeado, e ninguém é louco ao ponto de recusar uma oportunidade como essa.

Reflecti um pouco antes de recomeçar. Um pensamento tinha se cruzado nas minhas ideias.

- Sabes, é caricato...Também quase esquecia que também vou partir dentro e pouco mais de uma semana. Penso que ainda não te tinha dito. Vou para a Noruega assistir ao casamento do Carlos, o meu irmão. Lembras-te dele?

Claro que sim, respondeu ele. Não sabia nada disso, acrescentou. - E se fossemos juntos para o aeroporto?

Fizera já esta pergunta novamente sorridente, após ter verificado que eu não lhe guardara rancor nem mágoa.

- Acho que ambos devemos tirar umas curtas férias, nos últimos dias em que podemos estar juntos. Concordas?

Fazer uma viagem?!...Para longe...Afastar-me dos problemas mundanos e aproveitar o pouco tempo que tínhamos para nos amar-mos.

- Não podias ter tido melhor ideia. Saberias tão bem viver cada dia, cada momento, tentar esquecer que não nos veremos mais. Para onde?

- Não sei. Tanto faz, desde que a faça contigo. Não percamos tempo, por favor. Despacha-te, vamos fazer as malas já.

41

Levantámo-nos ambos, após a conta estar paga. Demos um longo e apaixonado beijo. Nada mais teria de ser dito entre nós. Ele levava-me a casa, e eu nem sequer voltava ao consultório para avisar a Mariana. Ele próprio nada diria aos seus superiores até termos saído dali. Não sei o que iria se passar no futuro próximo. Sei que os nossos últimos dias os passaríamos juntos e que após a separação, um dia nos iríamos reencontrar. Mas enquanto encontrava-me absorta nos meus pensamentos, uma ideia martirizante ocorreu-me. Não podia partir assim, algo ficava por fazer...

- Não podias ir num instante a Ancede? Preciso ir lá antes de partir, nem sequer é muito longe.

- Desculpa, Sara, não temos tempo. É a primeira vez e última, que te recuso alguma coisa. Está quase a anoitecer, não sei se reparaste, e temos de ir para o aeroporto o mais cedo possível.

Está bem, tive de me sujeitar. Podia telefonar, que faria quase o mesmo efeito. Ele tinha razão, estava quase a anoitecer. Olhei bem para ele. O pôr do sol fazia-o mais bonito que nunca! Os caracóis caros de tanto fustigados pelo sol brilhavam em contraluz, emoldurando um perfil quase perfeito. Olhava directamente para a estrada em nossa frente, tomando a atenção devida. Poucas as vezes senti o que então senti: que ele podia fazer a minha felicidade completa. Só ele e nada mais. E não pela sua figura, que era bonita mas nada de extraordinário. Li uma vez que “beauty is in the eye of the gazer”. Ou “his figures were not so beautiful, according to rule; but they were more than beautiful to me: they were full of an interest, an influence that quite mastered me”<sup>1</sup>. Era um pouco assim que me sentia agora, transformada por um amor que até à muito pouco, não sabia sentir. Sim, podia telefonar de casa.

Tinha sido uma necessidade estranha a que se apoderara de mim, e que quanto mais depressa a satisfizesse, melhor me sentiria. Entrámos em minha casa. Pedi a Luís David que fosse a casa de Júlia chamá-la para me poder despedir. Queria ficar sozinha, mal ele fechou a porta, peguei no telefone e disquei o número da asa da minha mãe.

- Sim?- responderam do outro lado.

- Bom dia, Sr. Cunha. Pode chamar a minha mãe?

Após breves momentos de espera...

- Olá, mãe. Bem, tenho uma coisa a dizer-te, mas tenho de ser breve. Primeiro, que vou viajar e só nos veremos na Noruega, com o Carlos. Depois, quero pedir perdão de tudo o que disse de ti e do teu marido.

Sorri para mim mesma antes de continuar.

- Acho que descobri, que podemos amar dois homens diferentes, não obstante um deles ter sido demasiado importante na nossa vida. Custou a perceber, mas penso que agora consigo te compreender.

E antes que ela pudesse responder, despedi-me e desliguei o telefone. A campainha tocava, eram decerto David e Júlia.

FIM

---

<sup>1</sup> Charlotte Brontë, “Jane Eyre”

Primeira versão, do original "O amanhã ficará  
sempre longe demais"

Elaborada por Luisa Pinheiro

Iniciada em 1995 com a ajuda de Paula Vale

Finalizada em Janeiro de 1998

Corrigida por Luisa Pinheiro

Editada por Cel Arte em Junho de 1998

Editada em versão condensada com o "O amanhã  
será sempre longe demais" em Outubro de 1998

